

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ADRIENNE PEIXOTO CARDOSO

**A UTOPIA DA PUREZA: A CONFIGURAÇÃO DA HERESIA CÁTARA
(FRANÇA/LANGUEDOC, SÉCULOS XII-XIII)**

**Jaguarão
2019**

ADRIENNE PEIXOTO CARDOSO

**A UTOPIA DA PUREZA: A CONFIGURAÇÃO DA HERESIA CÁTARA
(FRANÇA/LANQUEDOC, SÉCULOS XII-XIII)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História - Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História.

Orientador: Edison Bisso Cruxen

**Jaguarão
2019**

ADRIENNE PEIXOTO CARDOSO

**A UTOPIA DA PUREZA: A CONFIGURAÇÃO DA HERESIA CÁTARA
(FRANÇA/LANGUEDOC, SÉCULOS XII-XIII)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: ___/___/___.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Edison Bisso Cruxen
Orientador
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Leticia de Faria Ferreira
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Rafael da Costa Campos
(UNIPAMPA)

Dedico este trabalho a minha avó, D. Anna, que só estudou até a terceira série.

AGRADECIMENTOS

Por mais que durante esta escrita eu tenha brincado que estes agradecimentos seriam apenas a mim, pois foi eu quem fez tudo sozinha, isto seria a mais deslavada mentira, porque eu não fiz nada sozinha. Estar em Jaguarão me ensinou muito sobre mim mesma, sobre as pessoas à minha volta e por ser muito grata a todas as pessoas que estão comigo, sempre estarão comigo. Me ensinou a pedir desculpas também, porque eu perdi incontáveis aniversários, este ano, nascimentos de bebês, viagens, datas importantes em geral e datas não importantes, só ir à Cidade Baixa beber ou então um xis do Dog do Alemão.

Eu quero agradecer primeiro a mulher mais importante da minha vida, a minha mãe, que seguiu tudo isso comigo. Nunca me deixou desistir mesmo com as minhas ligações chorando de madrugada neste ano (2 dias antes de enviar o TCC também). Obrigada, Andréia Cardoso (só para ter o nome dela escrito e todo mundo saber quem é), por ser esta mulher forte que me ensinou a ser forte. Eu não seria nada e nem ninguém sem o teu apoio incondicional. Eu te amo. E eu sou o seu bebê, já aceitei isso. Ao homem mais importante da minha vida, meu pai, que ficou absurdamente de boa com a minha decisão de viajar para estudar. Obrigada por confiar em mim, por me apoiar, por me sentir a princesa que tu me diz sempre que eu sou. Eu te amo! Pra todo mundo saber o nome dele também é Arilton. Ao cara que me incomoda demais, ficou bem feliz que eu saí da cidade, mas chorava nas mensagens, o meu irmão. Obrigada por nunca me deixar desamparada, por ser muito zoeiro no meio do estresse, ter feito todas as coisas que eu pedi sempre, por ser um apoio e rocha. Eu te amo, Juninho!

Ao Wally, meu melhor amigo, por termos dividido a carga durante estes 4 anos, ao Gabriel, meu namorado, por ser absurdamente querido, ao Renan e a sua família por sempre serem tão gentis e me terem feito me sentir pertencente. Aos meus amigos de Poa (Ana Julia, Krol, Mari, Milene), por terem sido minhas amigas mesmo que eu não estava presente. Ao restante do Cenáculo de Maria, por todas as orações. Aos meus amigos de Jaguarão, que sempre sabiam quando eu precisava desestressar. Eu não teria conseguido sem vocês. A minha segunda família (dinda, Hay e Halls), vocês são meu orgulho, muito obrigada por toda a preocupação. As minhas amigas da literatura, Nath e Carol a qual me viram enlouquecer, mas sempre estavam disponíveis por mim.

As melhores professoras da Unipampa, rainhas de tudo, Cássia e Letícia, por terem sido sempre uns amores comigo, terem me apoiado e conversado. Ao meu orientador, Edison, nossa relação de amor e ódio fez com que eu amadurecesse, me levou a lugares que eu nunca imaginava ir. Eu amo o medievo com loucura e parte disso foi o senhor. Obrigada por não ter

desistido de mim, por ter me segurado e defendido por incontáveis vezes! Tudo o que eu me tornei teve o seu empenho junto e eu não seria nada sem o senhor. Eu agradeço muito! Sempre estará no meu coração.

E a Deus, porque eu falo de heresias e não caiu um raio na minha cabeça, minha fé católica se manteve durante estes anos, nós até estreitamos os nossos laços. E à minha avó, D. Anna, acho que a senhora teria adorado Jaguarão, fica bem aí no céu.

“Mas é você que ama o passado

E que não vê

É você que ama o passado

E que não vê

Que o novo sempre vem”

Belchior – Como Nossos Pais

RESUMO

O catarismo tem por finalidade o extermínio da Igreja Católica, visto que esta não era mais identificada como uma Igreja verdadeira e que seguia os parâmetros de humildade identificados na Bíblia Sagrada nos seus Evangelhos – principalmente no novo. A arrogância da cristandade, o seu crescimento econômico desvairado irritou muita gente e fez com que grupos heréticos crescessem em meio ao seu apogeu na Alta Idade Média. Os cátaros, como dito, foi um deles, mas não viam mais a Igreja Católica como salvadora, a consideravam como dominada pelo mal e sem solução. O movimento herético cátaro tem por sua premissa a busca pela pureza absoluta, na construção da sua sociedade, propõe a divisão entre perfeitos e crentes para que identificados de acordo com cada integrante, possa participar de determinado grupo e cumprir com as suas ordens. A configuração do catarismo se torna mais abrangente devido a expansão da heresia na Europa, mas seu cerne se mantém fixo, juntamente com alguns ritos que não são alterados no território, pois Deus, eles consideravam, pode ser encontrado tanto numa casa quanto numa Igreja, assim, independentemente de onde esteja.

Palavras-chave: Cátaros, Heresia, Igreja Católica Medieval.

ABSTRACT

The purpose of Catharism is the extermination of the Catholic Church, since it was no longer identified as a true Church and followed the parameters of humility identified in the Holy Bible in its Gospels - especially in the new. The arrogance of Christendom, its wild economic growth, has angered many people and caused heretical groups to grow amid their heyday in the High Middle Ages. The Cathars, as said, were one of them, but they no longer saw the Catholic Church as savior, they regarded it as dominated by evil and without solution. The Cathar heretical movement has as its premise the search for absolute purity, in the construction of its society, proposes the division between perfects and believers so that identified according to each member, can participate in a certain group and fulfill their orders. The configuration of Catharism becomes broader due to the spread of heresy in Europe, but its core remains fixed, along with some unchanged rites in the territory, for God, they considered, can be found in both a house and a church, so no matter where they were.

Keywords: Cathars, Heresy, Medieval Catholic Church.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Rotas de Comércio Mediterrâneo na Baixa Idade Média.....	19
Figura 2 – França Séc. XII	20

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. A CONTEXTUALIZAÇÃO DA PUREZA: A Localização do Herege durante a Idade Média	15
1.1 Conceito de Heresia	16
1.2 Ambientação do Catarismo na França – séculos XII e XIII.....	17
1.2.1 Languedoc.....	19
1.3. Caracterização da Igreja Católica Medieval	21
1.3.1 Bulas Inquisitoriais.....	24
1.3.2 Tribunal do Santo Ofício	26
1.3.3 Cruzada.....	27
1.3.4 Os Faidits	31
2. A UTOPIA DA PUREZA: O Catarismo	32
2.1 Antecedentes do Catarismo	33
2.1.1 Os Bogomilos.....	33
2.1.2 A Igreja Cristã Arcaica.....	35
2.2 O Conceito de Utopia.....	35
2.3 Configuração Geral do Catarismo.....	36
2.4 A Ideologia Cátara	37
2.4.1 Perfeitos.....	40
2.4.2 Crentes	41
2.4.3 Simpatizantes	42
2.5 A Liturgia Cátara	42
2.5.1 Consolament	43
2.5.2 Melhorament.....	43
2.6 A Mitologia Cátara.....	43
2.7 A Utopia da Pureza: O Catarismo.....	45
3. GUILABERT DE TOUZEILLES E AMBLERT DE D'ARIFAT: Interpretações de Dois Depoimentos Inquisitoriais sobre os Cátaros	46
3.1 Interrogatórios.....	47
3.1.1 Guilabert de Saint-Michel da cidade de Touzeilles	47
3.1.2 Amblard Vassal de la Roque D'Arifat.....	51
CONSIDERAÇÕES	56

REFERÊNCIAS.....	58
-------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

No presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvemos um estudo historiográfico sobre o movimento herético cátaro, no sul da França (Languedoc), entre os séculos XII e XIII. Objetiva-se entender as mitologias, rituais e mecanismos de funcionamento do catarismo e, principalmente, compreender a importância da utopia da pureza nesta seita cristã medieval. Também são abordadas as relações de poder entre as Igrejas Católica e Cátara e o processo de vigilância, perseguição e extermínio dos movimentos heréticos (Cruzada Albigense) por Roma.

A escolha deste tema é fruto da pesquisa desenvolvida no Laboratório de Pesquisa em História Medieval (LAPEHME), desde 2017. O interesse inicial estava em estudar a Inquisição Medieval Francesa, mas o primeiro texto lido no Laboratório foi “Guerra Santa em País Cristão”, do livro “Heresia, Cruzada e Inquisição na França Medieval”, de José Rivair Macedo, referente ao surgimento e desenvolvimento do movimento herético cátaro e como este foi suprimido através de uma violenta cruzada, promovida pelo Papa e o rei da França. A partir de então o interesse por essa heresia e suas relações com a Igreja, Inquisição e poder laico aumentou progressivamente, até tornar-se objeto de pesquisa.

Propõe-se como problema de pesquisa: De que forma o catarismo configura a utopia da pureza espiritual, através de uma busca constante e severa da privação dos prazeres materiais e carnis? Como esta proposta de vida, ligada a humildade e a resignação acaba por se apresentar tão ofensiva e inadmissível aos olhos da Igreja Católica? O ser herético cátaro, enquanto “perfeito”, configura-se em sua obsessão pela pureza e elevação espiritual, negando posses, alimentos, reconhecimento e sexo. O mundo material, inclusive o corpo humano, era obra demoníaca, cuja única função era aprisionar e conspurcar a alma, criação pura e eterna de Deus Todo Poderoso.

José Rivair Macedo (2000), Hilário Franco Jr (1999/2001/2009/2018), Jesús Mestre Godes (1995), Nachman Falbel (2007) e Jean Duvernoy (1993) (do qual foram traduzidos trechos de processos inquisitoriais, interpretados no Capítulo 3), tornaram-se autores de referência para o desenvolvimento deste trabalho. Suas obras possibilitaram a constituição de

um panorama de inteligibilidade dos impactos do catarismo sobre a sociedade e a Igreja Católica¹ Medieval, bem como uma caracterização detalhada da heresia estudada.

Vale comentar que o conceito de heresia aqui adotado é o utilizado pela Santa Madre Igreja, durante o período medieval europeu. Heréticos são constituídos a partir da sua visão sobre os outros. Entenda-se com isso que o herético é todo e qualquer indivíduo ou grupo que através de seus pensamentos ou ações geram separação, desentendimento ou desarmonia dentro da Igreja Católica. Contrariar ou interpretar de forma diferente preceitos, dogmas e decisões ditadas ou salvaguardadas pelo Papa, era condenado como heresia.

No primeiro capítulo, será abordado o catarismo em seu marco geográfico, a política, a sociedade e a economia do Languedoc como fatores propícios para o desenvolvimento de heresias. Aborda-se também o conceito de heresia, as diferenças do catarismo com a Igreja Católica Medieval e as atitudes da cristandade para refrear os movimentos heréticos. No segundo capítulo, identificam-se a expansão na Europa, as configurações diferenciadas e as características fundamentais do catarismo, compreendendo seus rituais, mitologias e liturgia. No terceiro e último capítulo, são interpretados trechos de dois inquéritos do Tribunal do Santo Ofício, do século XIII. A partir dos excertos identificam-se informações importantes sobre o funcionamento da comunidade cátara, sua resistência, e sua relação com as comunidades católicas.

¹ Esta Instituição religiosa também será referenciada ao longo deste texto como Igreja Romana, Santa Sé, Santa Madre Igreja e Instituição.

1. A CONTEXTUALIZAÇÃO DA PUREZA: A LOCALIZAÇÃO DO HEREGE DURANTE A IDADE MÉDIA

*No começo a Palavra já existia:
a Palavra estava voltada para Deus,
e a Palavra era Deus.
No começo ela estava voltada para Deus.
Tudo foi feito por meio dela,
e, de tudo o que existe, nada foi feito sem ela.
Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens.
Essa luz brilha nas trevas, e as trevas não conseguiram apagá-la.
Jo 1, 1-5*

Iniciamos o presente trabalho com a escolha desta epígrafe por conter os cinco primeiros versículos de abertura do Evangelho de João, do Novo Testamento. Este Evangelho, como será melhor abordado mais adiante no texto, foi utilizado como fundamento religioso para a comunidade cátara. Vida, luz, criação, transcendência, superação das trevas, concepções vinculadas a busca pela perfeição e pureza, os pilares da religião cátara.

Neste primeiro capítulo vamos definir alguns conceitos para melhor entendimento do leitor, tais como: o que é heresia e quem são os hereges; o que caracteriza o catarismo e o que os diferencia de outras heresias; o significado de utopia e como ela se encaixa no movimento cátaro. Também serão desenvolvidas contextualizações: sobre a localização geográfica desta heresia; as razões de sua rápida proliferação; a caracterização da Igreja Católica Medieval; as consequências do choque entre os dogmas do catarismo e catolicismo.

No registro da Inquisição de Toulouse do ano de 1273, um padre, Guillaume de Molière, foi interrogado sobre a ação herética cátara na Europa. O padre foi questionado se tinha ouvido, visto ou se encontrado com algum herege. Em seu depoimento Molière relata que outro padre, irmão Bernard, pregava que a Igreja Romana não era a verdadeira, por causa de seu orgulho (um dos sete pecados capitais)²:

Ele [Bernard] também me disse que só havia salvação no estado herético. Ele me disse que o casamento não valia nada, nem era confissão, e que a Igreja Romana não era a verdadeira Igreja, pois não havia nada nela além de puro

² “Il me dit aussi qu'il n'y avait de salut que dans l'état hérétique. Il me dit que le mariage ne valait rien, pas plus que la confession, et que l'Eglise romaine n'était pas la vraie Eglise, car il n'y avait en elle que pur orgueil. Mais l'Eglise des hérétiques, elle, était la vraie Eglise. Frère Bernard me dit que les hérétiques avaient un évêque et un diacre” (DUVERNOY, 1993, p. 2).

orgulho. Mas a Igreja dos Hereges era a verdadeira Igreja. O irmão Bernard me diz que os hereges tinham um bispo e um diácono (DUVERNOY, 1993, p, 2).

1.1 Conceito de Heresia

A palavra heresia vem do latim *haeresis* e significa uma doutrina contrária ao que foi definido pela Igreja nos assuntos de fé (aquele que escolhe, aquele que faz uma opção) (NOVINSKY, 1983). Também tem origem no idioma grego *hairesis*, em que significa “ação de pegar”, no sentido metafórico de “escolher, ter preferência, visão particular discordante” (ZERNER, 2017, p. 561-562). Segundo Isidoro e Pápias³, a palavra heresia surge do verbo “eleger”; neste conceito, é como eleição, derivada também do verbo aderir, teria por significado “aquele a quem adere”. O verbo *ercisor* também faz correlação porque é sinônimo de dividido. Ou seja, o ser herege é quem se afasta da “vida comum”, do *modus vivendi* definido pela Igreja Católica (EYMERICH, 1993). Heresia também pode ser considerada a escolha que implica, após o recebimento do batismo, na negação pertinaz de qualquer verdade apresentada pela divina fé católica (FAITANIN, 2006). Barros (2010), também descreve uma definição de ser herege feita por Isidoro:

De todo modo, se na Antiguidade e na Alta Idade Média a heresia era um pensamento religioso que se desviava do pensamento reto, mas que em última instância fora produzido no seio do próprio pensamento cristão, enquanto o pagão era aquele que não fora cristianizado e acreditava em deuses diversos (BARROS, 2010, p 5).

Os hereges eram basicamente definidos por três ações: ser contrário a qualquer artigo de fé; ser contrário a qualquer verdade declarada pela Igreja e ser contrário aos livros canônicos. (EYMERICH, 1993). Possivelmente, a maior atração em tornar-se herege era a desvinculação das imposições da Igreja, diversas vezes contestada, por suas ações mundanas ao longo do medievo ocidental. O objetivo das heresias era de contestar os ensinamentos da Igreja e rejeitar muitos dos sinais exteriores da fé cristã: sacramentos, liturgia e hierarquia.

No medievo, oito situações determinavam a utilização do adjetivo herético: 1) excomungado; 2) simoníaco; 3) quem se opunha à Igreja Romana e contestava a autoridade que

³ Isidoro de Sevilha foi arcebispo de Sevilha, viveu entre os séculos VI e VII d.C. e é padroeiro dos estudantes, dos filósofos e dos historiadores. Pápias de Hierápolis, foi escritor e viveu entre os séculos I e II d.C. e é considerado um dos primeiros líderes da Igreja Cristã.

ela recebeu de Deus; 4) quem cometia erros na interpretação das Sagradas Escrituras; 5) quem criava uma nova seita ou adería a uma já existente; 6) quem não aceitava a doutrina romana no sentido dos sacramentos; 7) quem tinha opinião diferente da Igreja de Roma sobre um ou vários artigos de fé; 8) quem duvidava da fé cristã. As condições para a qualificação como herege estavam relacionadas a inteligência, se o erro estava na má interpretação da pessoa no referido à fé, e sobre a vontade, se há apego teimoso ao erro da inteligibilidade (EYMERICH, 1993).

Muda a conceituação de “heresia” desde a Antiguidade, deixando de se referir a desvios relacionados a sutis questões teológicas, para passar a abarcar simultaneamente tanto aqueles casos das dissidências doutrinárias que geravam novas práticas e representações religiosas – entre os quais os cátaros representavam o modelo mais explosivo – como os casos de pregação proibida ou não autorizada, a exemplo do modelo valdense (BARROS, 2010, p. 7).

Compreende-se que o surgimento de ações heréticas fundamentava e inspirava o aparecimento de novos movimentos contestatórios ao comportamento da Igreja Medieval. A propagação de heresias foi o motor da constituição do Tribunal do Santo Ofício, que tinha como objetivo controlar, identificar, punir e suprimir pensamentos e organizações sociais que se opusessem aos dogmas da Santa Madre Igreja. A heresia cátara pode ser percebida como quebra de protocolo da doutrina da Santa Madre Igreja. Essa Igreja paralela à cristandade praticava a castidade de forma radical, tinha horror ao juramento, levava a vida humilde dos apóstolos, recusava os alimentos da carne, desapreciavam os bens materiais e rezavam dia e noite (o Pai Nosso era a principal oração). Seus seguidores eram de todas as classes sociais. Os nobres, monges e aqueles que abandonavam suas fortunas e seus bens materiais (GODES, 1995).

Os Cátaros podem ser considerados maiores do que uma heresia, porque criaram uma Igreja paralela dentro da cristandade, com reuniões de bispos que simpatizavam com a heresia e organizações de cultos diferentes do latino. Tinham doutrinas e princípios próprios – alguns completamente diferentes da Igreja Católica. Enquanto a heresia normalmente se propaga dentro dos princípios gerais da religião católica, estes criaram fundamentos originais (MACEDO, 2000).

1.2 Ambientação do Catarismo na França – séculos XII e XIII

1.2.1 Languedoc

O Languedoc é uma região do sudoeste da Occitânia, que está localizada no sul da França. Pierre Bec⁴ apresenta a ideia de que a delimitação deste território deveria ser feita sob análise linguística, sendo esta, mais importante do que a extensão geográfica. O próprio nome da região faz referência a relevância de sua particularidade linguística, Languedoc significa a “língua/idioma da Occitânia”. que concerne a esta pesquisa, a região será dividida em duas partes: O Languedoc dos Cátaros e o Languedoc da Cruzada. A primeira, definida pela instalação, desde 1165, de uma igreja cátara independente em Toulouse, Albi, Carcassonne e Agen. A segunda, definida desde 1212 por Guillermo de Tudela⁵, trovador que escreveu a Canção da Cruzada Albigense, onde são citadas as cidades de Albi, Carcassonne, Lauragués e Narbona (GODES, 1995).

Languedoc também significa “língua do sim”, uma contração de *langue d’oc*, antes do francês se tornar o idioma oficial do território de Paris e Île de France. A língua d’oc (pode ser chamada ainda de occitano) estava relacionada a outros dialetos, como gascão, limusino, provençal e auvernio, relacionados ao catalão e ao espanhol. A região ficou conhecida como berço da heresia, devido ao nascimento e franco desenvolvimento do catarismo. A conversão de milhares de crentes ocorreu a partir do trabalho de missionários, que se deslocavam para outras cidades, se estabeleciam, constituíam seus comércios e, algum tempo depois, já integrados na comunidade, passavam a pregar seus novos ideais religiosos. Infiltrar-se nas comunidades, ganhar a confiança das pessoas, era o primeiro passo para que fossem ouvidos.

A partir do século X ocorreram alterações econômicas no Languedoc, mais especificamente, uma aceleração progressiva e dinâmica nas atividades artesanais e comerciais no meio urbano. O crescimento econômico na região aumentou o poder aquisitivo de uma florescente classe de comerciantes e artífices. Muitos integrantes deste grupo em ascensão serão “simpatizantes” dos cátaros, apoiando-os, protegendo-os e expandindo, através das rotas comerciais, a abrangência de suas ideias religiosas (MACEDO, 2000).

⁴ Foi um especialista no estudo das línguas românicas – em particular o ocitano.

⁵ Autor da primeira parte da “Chanson de la Croisade Albigoise” (Canção da Cruzada Albigense). O escrito foi um poema épico escrito em occitano que relata a Cruzada contra os Cátaros de forma contemporânea.



Figura 1 Rotas de Comércio Mediterrâneo no século XII⁶

No mapa acima temos as rotas comerciais do Mar Mediterrâneo, no século XII, onde podem ser identificadas as estradas que passavam pelo território do Languedoc e seguiam para diferentes regiões como Espanha, Itália, Grécia, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Escandinávia, até Cracóvia/Polônia e Kiev/Ucrânia. Neste sentido, é possível pensar que o crescimento econômico e dinamismo comercial viabilizaram o contato e interação de culturas, auxiliando para que o movimento cátaro se espalhasse com velocidade. A força religiosa do catarismo, em parte, tinha origem em seu respaldo econômico-comercial, vinculado a seus simpatizantes e uma rede de contatos bem estabelecida entre comerciantes e nobres de diferentes regiões da Europa.

Uma das razões para que a heresia cátara tenha se espalhado de forma efetiva no território francês, entre finais do século XI e ao longo do século XII, está na indiferença que a própria Igreja dedicava a questões religiosas nesse período. A Instituição estava muito mais envolvida com temas políticos e relações de poder envolvendo a nobreza e a coroa, do que propriamente preocupada com a salvação espiritual de seu “rebanho”. Uma Igreja em plena decadência moral, constantemente contestada por uma população pobre e esquecida que se sentida cada vez mais desamparada frente a clérigos enriquecidos que levavam uma vida de

⁶ Di Sacco, Paolo (Coord.). Corso di Storia Antica e Medievale. Milano: Edizioni Scolastiche Bruno Mondadori, 1997. p. 133. <https://slideplayer.com.br/slide/10198129/> Acesso em: 04 de junho de 2019.

ostentação. O distanciamento, desmoralização e abandono tornaram-se terreno fértil para o surgimento de movimentos heréticos. Pesa ainda o fator de que a região da Occitânia historicamente se manteve em situação de certa autonomia frente ao poder central de Paris. Com idiomas, tradições, instituições e funcionamento econômico particulares, além de uma nobreza rebelde, tinha como principal vínculo com o norte da França a (agora) frágil influência da Igreja Católica (GONZAGA, 1993).

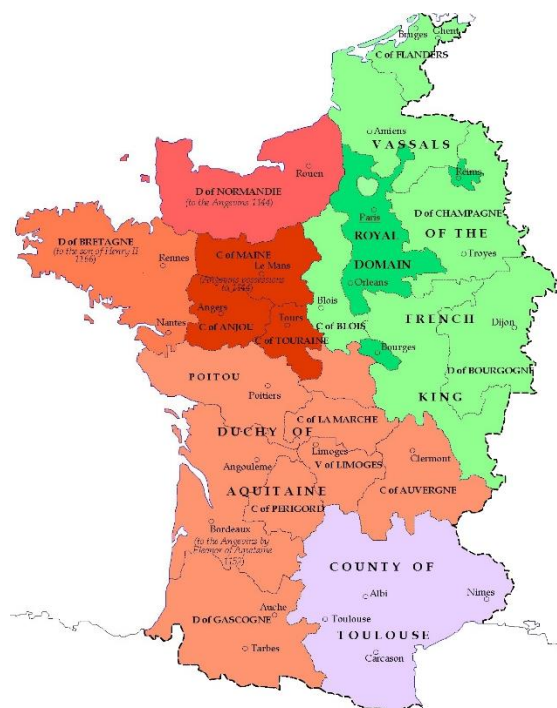


Figura 2 França, séc. XII⁷, com a localização, em roxo, do território da Occitânia.

No mapa, a região em roxo indica o território da Occitânia (Condado de Toulouse), na qual podem ser identificadas as cidades Albi, Toulouse e Carcassone. Nestes grandes centros urbanos e comerciais se desenvolveu a Igreja Cátara que se irradiou para toda região e para além. Ainda no século XII, o catarismo se espalhou pelas terras do Sacro Império Romano Germânico, Inglaterra, Itália e em direção ao norte da França. Em meados deste século, houve o estabelecimento de bispados e dioceses cátaros nas cidades de Albi, Toulouse, Narbonne, Carcassone, Val d’Aran e na Lombardia. Esta institucionalização, com organização de

⁷ Imagem: Reigen. França 1154 Eng. Wikipédia. Disponível em: <https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:France_1154_Eng.jpg>. Acesso em: 04 de junho de 2019.

hierarquia e regiões administrativas, configurava a criação de uma Igreja independente dentro da cristandade (MACEDO, 2000).

Entretanto, a instauração de uma nova territorialidade religiosa no sul da França não foi tomada calmamente pela Igreja Romana. Os atritos entre hereges e a “supremacia” católica não se fez esperar. O bispado ao norte passou a ser controlado diretamente pela coroa francesa, acirrando ainda mais a oposição Norte-Sul (MACEDO, 2000).

Havia outros nomes para o catarismo, o mais famoso é “Albigenses”. Este nome é devido a cidade de Albi (França), onde se instalou o primeiro bispado herético e onde houve grande resistência dos habitantes para que não fossem queimados vivos alguns heréticos, condenados pelo bispo Sicart (GODES, 1995). Também são chamados assim, pois a partir de 1209, com a deflagração da Cruzada Albigense, passa-se a fazer uso metonímico da denominação dos habitantes de um dos polos do grande triângulo herético: Albi, Carcassonne e Toulouse (FRANCO, 2018). Mas este movimento herético se espalhou por outras regiões da Europa, eles eram chamados de *Cátaros* na Germânia, de *Piphles* em Flandres e de *Texerant* (tecelão) na Gália do norte. No século XIII, 1220, Alain de Lille conta que “cátaro” estava na origem de *Ketzerei*, termo que designa heresia em alemão (ZERNER, 2017).

A heresia cátara tomou tal proporção que no início do século XIII o papado proclamou a Cruzada⁸ Albigense, uma campanha militar movida contra este grupo herético que durou entre 1209 e 1229. O Papa Inocêncio III (1198-1216) convocou a cristandade para a Guerra Santa⁹ em março de 1208, sendo liderada pelo conde de Toulouse, Raimundo VI. O sumo pontífice tinha como objetivo acabar com as dissidências religiosas da região do Languedoc, consideradas uma ameaça à sociedade cristã ocidental (CABRER, 2009).

1.3 Caracterização da Igreja Católica Medieval

Em termos de poder, o Estado, durante grande parte da Idade Média, estava ao lado da Igreja Católica. As duas instituições (espiritual/religiosa e secular/administrativa) eram

⁸ Cruzada tem por fundamento a peregrinação, as indulgências, os votos religiosos, e ainda mais específico, está ligada nas representações religiosas do sinal da cruz, na repetição do sacrifício de Jesus Cristo e a reconquista de Jerusalém (COSTA, 1998)

⁹ Luta armada entre inimigos, fiéis e infiéis, ao logo do medievo. A “Guerra Fé” envolvia também questões econômicas e políticas para além das religiosas, como a expansão de territórios, saques, cobranças, resgates (COSTA, 1998)

centralizadoras de poder e se complementavam. Para legitimação do Estado, o rei ou o imperador eram coroados pelo Papa, num sentido de manutenção do vínculo entre a Coroa e a Instituição religiosa. A Igreja, por conta da moralidade que pregava e o controle social – conforme as restrições que seus fiéis estavam submetidos – tinha muito poder, quase tanto quanto a própria administração monárquica. Ao longo da Idade Média, essa parceria viu-se diversas vezes estremecida. Embora existisse a consciência que juntos Monarquia e Igreja eram mais fortes, foram frequentes as tentativas de um subjugar o outro (FRANCO JR, 2001).

Durante o Regime Feudal, entre os séculos X e XV, o senhor da terra desempenhava a jurisdição sobre os indivíduos que habitavam suas terras e que estavam sob dependência de seu poder. Essa justiça feudal, com o fortalecimento do poder centralizador dos reis, se torna inaceitável. O monarca se transforma na maior fonte de poder, criando leis, aplicando-as e julgando-as. Nesse contexto, o crime de lesa-majestade se torna mais grave e abrangente, atribuindo uma maior quantidade de transgressões contra a pessoa do rei, todas punidas com severas sentenças. Neste novo sistema, as pessoas acusadas eram julgadas conforme a sua condição econômica social. Os nobres não podiam ser torturados para requisição de confissão, enquanto este era um recurso comum contra os pobres. As penas de morte também eram diferenciadas, mesmo que ambas fossem executadas publicamente. O condenado economicamente despojado era enforcado, já o condenado que possuía títulos e recursos era decapitado (GONZAGA, 1993).

No século XII, ressurge a Lei Romana (Direito Romano)¹⁰, base do sistema legal onde predomina o centralismo político. Nesta lei, haviam por volta de 60 preceitos que condenavam as heresias com sanções judiciais e ações punitivas. Durante a apuração dos fatos, a tortura estava prevista na lei, como um estímulo para confissão do acusado. No período, muitos debates foram gerados sobre a validade de sua utilização, pois a admissão do delito precisava ser espontânea e não arrancada, temiam-se confissões de culpa, mesmo que o suspeito não tivesse cometido nenhum crime. A sociedade medieval aceitava com naturalidade este sistema rígido e repressivo. Mesmo que as execuções fossem públicas, ainda que houvesse torturas e mutilações, elas eram tão rotineiras que quem assistia estes eventos não se compadecia das vítimas (BAIGENT; LEIGH, 2001).

¹⁰ O Direito Romano são leis que abrangem o senso religioso, buscando a perfeição espiritual. Os crimes, as penas, são para pessoas exclusivas que praticaram algo ilícito contra a religião.

Quando o imperador romano se torna cristão, a partir do século IV, o cristianismo é adotado como religião de Estado¹¹ e a heresia tornou-se crime civil. Todo atentado que ferisse a religião oficial atentava contra a sociedade e ao próprio imperador. Os crimes contra a Majestade Divina não são punidos apenas com sentenças espirituais, como por exemplo, a excomunhão, mas também com castigos físicos, pecuniários e até mesmo a morte. Após o século IV a religião se manteve unida ao Estado e as heresias identificadas foram perseguidas e suprimidas. Entretanto, no final do século X elas voltam com força ao ocidente latino (FAITANIN, 2006).

Na passagem do século X para o XI, no ano 1000, constituísse um sentimento de insegurança e medo na sociedade, tendo em vista o receio da proximidade do Apocalipse. A agitação foi causada pela interpretação do livro do Apocalipse, do apóstolo João (Novo Testamento), onde o Demônio seria libertado sobre a terra, após mil anos de aprisionamento. Este fato daria início ao processo escatológico do Final dos Tempos, onde Jesus Cristo retornaria a terra (Parúsia), derrotaria o Demônio e julgaria os vivos e mortos, salvando ou condenando todos eternamente. O sentimento de insegurança, causado pelo milenarismo, provocou o surgimento de diversos movimentos heréticos, que buscavam a salvação independente da ação da Igreja (FRANCO JR, 1999).

Quando a heresia retornou no começo do século XII, era quase certamente uma resposta tanto a esse milenarismo subjacente quanto ao movimento de uma reforma eclesiástica, o qual desencadeou expectativas, sentimentos e emoções no laicado que a Igreja estabelecida não podia satisfazer (RICHARDS, 1993, p 56).

A citação refere-se a Reforma Gregoriana, iniciada pelo Papa Gregório VII, no século XI, mas que se prolongou ao longo dos séculos XII e XIII, com outros papas que convocaram os quatro concílios de Latrão (1123, 1139, 1179, 1215) e o concílio de Lion (1245). Em sua origem esta foi uma iniciativa para “limpar” a Igreja do sêmen (sexo), do sangue (violência) e da usura (dinheiro). Também foi uma tentativa de, através dos concílios, impor o poder espiritual da Igreja (Papa) sobre o poder secular da monarquia (reis e imperadores). Essa reforma deu-se como resposta ao comportamento reprovável que a classe clerical vinha apresentando, com vidas totalmente mundanas e materialistas, desvinculadas dos preceitos que pregava e exigia dos crentes. A insatisfação da população, que não se via mais representada por uma Instituição desmoralizada, promovia que grupos contestassem a legitimidade do poder da

¹¹ O cristianismo se torna religião oficial do Império Romano em 380, por ordem do Imperador Teodósio.

Igreja e exigissem novas formas de viver a espiritualidade, mais próximas dos Evangelhos e do exemplo de vida de Jesus Cristo (FRANCO JR, 1999).

As heresias contestavam os ensinamentos da Igreja Romana. Durante os séculos XI e XII, surgem movimentos que rejeitam os sinais exteriores da fé cristã católica, como sacramentos, liturgias e hierarquias. Ainda na primeira metade do século XI surgiram heresias que impugnavam os dogmas fundamentais da cristandade, como a Santíssima Trindade e a Ressurreição de Cristo. Tamanha força e proporção tomaram as heresias, que em 1049 foi realizado o Concílio de Reims, na França, que organizou medidas para identificá-las e combatê-las com energia.

As heresias se tornaram um problema para a Igreja Católica, pois além de criticarem seus dogmas e renegavam sua organização institucional, afirmavam que o clero era corrupto e não seguia os preceitos proclamados por Jesus Cristo. Para combater esses pensamentos heréticos a Igreja estipulou três estratégias: a persuasão (forma de pregação e (re)conversão missionária); a repressão (perseguições e punições que buscavam controlar ações e pensamentos) e a satanização (forma de transformar os hereges em agentes desviantes e cismáticos a serviço do demônio) (RICHARDS, 1993).

1.3.1 Bulas Inquisitoriais

As heresias, embora condenadas e reprimidas, faziam parte da sociedade, podiam ser encontradas na classe senhorial, assim como na população pobre e servil. O papa Lúcio III, em 4 de novembro de 1184, fez o anúncio de instruções contra os hereges, a Bula *Ad Abolendam*, proclamada em meio ao plenário eclesiástico reunido em Veneza. O objetivo era a erradicação da “depravação das heresias”, a missão era localizar, corrigir e punir quem fosse o violador da unidade cristã. Conforme a Bula, a cada dois anos, os bispos tinham a responsabilidade ir até as paróquias e encontrar quem não estivesse cumprindo a ordem sacrossanta da Igreja. Os procedimentos de investigação e punição estavam sob jurisdição dos bispados. A Bula é um registro característico dos procedimentos judiciais (*inquisitiones*) instituído pelo papado, mas politicamente constituído na instituição episcopal. A Bula potencializou a autonomia inquisitorial e permitiu a manutenção da articulação entre diferentes instâncias decisórias locais, mas também enrijeceu as medidas referentes à denúncia, à excomunhão e o confisco de bens dos hereges (DUARTE, 2012).

Com linguagem áspera, a Bula declarou sanções não somente contra a heresia em si, mas direcionadas a um espectro maior de comportamentos dissidentes. Não bastava endireitar uns poucos espíritos desviantes. Era preciso desbaratar o nicho que os abrigava, arrancar em toda extensão as raízes de sua “insolência e falsidade”. Por isso as penas canônicas deveriam recair também sobre os “acolhedores e protetores, todos que de alguma forma ofereceram apoio ou favor aos mencionados hereges”, e a classificação como herege deveria tingir todos que se negassem a jurar o que fosse exigido pelo arbítrio do bispo (DUARTE, 2012, p 134).

A *Ad Abolendam* terminou com a generalização dos acusados de heresia, distinguindo-os em grupos específicos: Cátaros, Patarinos, os Humilhados ou Pobres de Lyon, Passaginos, Josefinos e Arnalditas. A promulgação da Bula foi consolidada numa inflexão política: “impôs a plena categorização legal da heresia como crime capital e público, razão suficiente para legitimar diversas ações de marginalização e expropriação dos acusados, antes mesmo da formalização das sentenças” (DUARTE, 2012, p, 134-135). O papa delineou os nomes heréticos para torná-los categorias na consciência cristã, para reconhecimento das identidades desviantes e para que pudessem ser indicados os responsáveis pelo esfacelamento do pertencimento coletivo. A bula também será chamada de “bula do imperador”, visto que ela é um estatuto concomitantemente eclesiástico e imperial, impondo-se através da autoridade espiritual e secular (DUARTE, 2012).

Em 25 de março de 1199, Inocêncio III decretou a *Vergentis in Senium*, a segunda Bula inquisitorial, escrita para os magistrados de Viterbo/Itália (cidade papal, também ameaçada pelo crescimento da presença cátara). A nova Bula concebe a proliferação das heresias como efeito de “envelhecimento do mundo”. Para a decretal, se a dissidência crescia ganhando contornos, era por causa decrepitude humana, que já tinha avançado ao seu último estágio, apoderando-se dos corações cristãos. No texto, o papa derrama seu lamento sobre o “câncer” que se tornaram as heresias e como o mundo estava sucumbindo. O novo texto foi uma confirmação das regras da Bula anterior e deu continuidade as decisões proclamadas por Lúcio III (DUARTE, 2012).

A condenação de um herege acarretava a pena de excomunhão e confisco de seus bens. Seus filhos partilhavam da mesma condenação, sendo privados de seu patrimônio e a interdição a qualquer ofício público. A heresia era considerada como uma essência impura e contagiosa, que corria nas veias e impregnava a carne. Conforme a lógica bíblica do “pecado dos pais”, para o juízo divino “[...] também os filhos sofrem [...] por seus pais e [...] o castigo recai não apenas sobre os autores dos crimes, mas também sobre a descendência dos condenados” (DUARTE, 2012, p, 141-142).

A Bula *Vergentis in Senium* configurou a heresia como causa jurídica, o suficiente para justificar intervenções nos espaços considerados públicos e nas relações de poder e autoridade. Como aconteceu nos anos seguintes, o papado ditou medidas de supressão da autonomia em cidades heréticas e foi oferecido o amplo perdão da indulgência aqueles que tomaram parte da Cruzada contra os hereges cátaros no Languedoc (Cruzada Albigense, 1209). Esta Bula não teve respaldo de um plenário conciliar, mas o alcance histórico não foi menor do que a primeira, foram tratadas, igualmente, pela tradição canônica, como os documentos fundadores da inquisição (DUARTE, 2012).

1.3.2 Tribunal do Santo Ofício

As heresias se tornaram um risco para o poder da Igreja Católica, tão grande que ameaçava não apenas a ordem, mas a estrutura social e política da Instituição, ao ponto de ser necessária a criação do Tribunal do Santo Ofício (a Inquisição), durante o Concílio de Toulouse¹², em 1229. Esta instituição foi uma união entre o Estado e a Igreja com ideais religiosos, políticos e econômicos (NOVINSKY, 1983). Tinha por objetivo procurar, julgar e erradicar grupos divergentes. Com o retorno da Lei Romana a Igreja Católica não criou novas formas de julgamento, apenas adaptou para o Direito Canônico a Justiça Comum Secular já existente. O Tribunal tornou-se completo, adequado na lei que o legitimava a caçar pessoas que não se enquadravam nos preceitos definidos do Direito Canônico, provindo da religião oficial. Para a prisão e o julgamento existia o apoio do Estado. O poder secular era o responsável, efetivamente, por executar as sentenças. A condição para a realização da Inquisição, imposta por Gregório IX, foi que o Tribunal não tivesse outra razão que não fosse o julgamento das heresias (FALBEL, 2007).

O processo inquisitorial era realizado de maneira padronizada, por isso havia manuais de como o inquisidor deveria agir, de acordo com diversas possibilidades – ainda que em alguns casos fosse permitido utilizar sua subjetividade para dar resposta aos problemas. O primeiro ato do inquisidor era a legitimação na localidade em que foi designado, apresentando-se ao rei logo depois de ser empossado pelo papa (num claro objetivo de manter a unidade político-cristã). Solicitava salvo-condutos, apresentava os mandatos aos bispos da região e requeria o juramento

¹² O Concílio de Toulouse foi o Concílio da criação oficial do Tribunal do Santo Ofício, advindo do Quarto Concílio de Latrão, ocorrido em 1215, que decretou medidas contra os senhores seculares que protegessem os hereges (FALBERT, 2007).

das autoridades civis para proteção da Igreja e do trabalho inquisitorial a ser desenvolvido (EYMERICH, 1993).

Então, dava-se o sermão geral de reconhecimento do novo juiz inquisidor. Sob recompensas de indulgências, o povo era convidado (ou convocado) a participar de uma missa. Este sermão tinha o intuito de espalhar na população a vontade denunciar os hereges, limpando a comunidade, para o maior bem da divina providência. No sermão geral o juiz inquisitorial determinava a época do perdão¹³, explicava o funcionamento da Inquisição e as indulgências que todos ganhariam por ouvir suas palavras, além de outras recebidas na denúncia de hereges. Os processos se iniciavam por três maneiras: acusação, denúncia e investigação (EYMERICH, 1993).

O processo de acusação se inicia com o interrogatório das testemunhas dadas pelo acusador. Há a opção de trocar o processo por denúncia, para que o acusador não seja exposto, se ainda o for do seu desejo, as testemunhas são incisivamente interrogadas. Se há crime, primeiro procura-se conhecer o réu e convergências entre os depoimentos tanto dele, quanto das testemunhas. O interrogatório com o acusado não é direto, e sim, subjetivo. Ouve-se muitas vezes o acusado para que não haja erros na sentença, se for provado crime, prisão. A interrogação das testemunhas procura por fatos, não por boatos, assim, são chamadas pessoas de credibilidade do inquisidor para confirmação, ou não, dos interrogatórios. (EYMERICH, 1993).

Nos interrogatórios precisa-se de cinco pessoas para definir a regularidade da ação: o juiz inquisidor, o acusado, duas testemunhas e o escrivão. Os interrogatórios na visão do juiz inquisitorial são feitos de maneira padrão, busca-se alguns indícios de heresia nas palavras usadas ou na própria postura do suspeito. Dependendo do caso pode ser pedido um advogado, entretanto, este tem o papel de ajuda a uma confissão, não a prática real da defesa em busca da absolvição. Se o réu confessar, não há necessidade de um advogado. (EYMERICH, 1993).

1.3.3 Cruzada

No dia 9 de março de 1208, o Papa Inocêncio III foi informado sobre o do legado papal, Pierre de Castelnau, assassinado pelos cátaros, a mando do conde Raimundo VI de Toulouse.

¹³ Quando o Inquisidor dava um período para que as pessoas que incorreram em crimes se acusassem sendo que bastava o simples arrependimento para um perdão completo ou uma pena mais branda.

Esta foi a gota d'água das atividades heréticas e motivo imediato para proclamação de uma sagrada ação armada contra o Languedoc. O Papa fez um chamamento para a Cruzada e promulgou indulgências aos dispostos a combater a heresia cátara. Estas indulgências tinham as mesmas benesses oferecidas e garantidas aos cavaleiros cristãos que foram para a Guerra Santa no Oriente, para reconquistar Jerusalém. Obtinham a remissão plena dos seus pecados por meio da concessão da “indulgência de Cruzada”; seus bens, suas famílias e tudo o que lhes pertencia permaneciam sob proteção apostólica; recebiam auxílio financeiro para sair na expedição; tinham suspensão temporária de suas dívidas e direito de posse sobre os bens eventualmente confiscados dos hereges (MACEDO, 2000). Felipe Augusto, o rei da França, foi convidado para encabeçar a expedição, mas recusou argumentando a manutenção de sua guerra contra a Inglaterra. O abade e inquisidor Arnaldo Amauri foi nomeado novo legado papal e as hostes dos cruzados, a maioria do norte da França, foram compostas principalmente por nobres (SANGÜESA, 2006).

Em julho de 1209, na festa de Santa Maria Madalena, enquanto o povo comemorava, o exército cruzado, com vinte mil homens, invadiu a cidade de Béziers. Por terem apoiado os hereges – ainda que não fossem adeptos da heresia – todos seus moradores foram massacrados (MACEDO, 2000):

Todos os que haviam se refugiado na Igreja pereceram: nada pode salvá-los, nem cruz, nem altar, nem crucifixo; aqueles irreverentes, loucos e safados, mataram clérigos, mulheres e crianças. Nem um, creio eu, conseguiu escapar. Que Deus receba suas almas, se assim o desejar, em seu paraíso!¹⁴ (SANGÜESA, 2006, p, 121).

A frase de Arnaldo Amauri, quando chegou a cidade de Béziers, ficou famosa: “Matem todos, Deus escolherá os seus”. A declaração do Legado Papal foi divulgada e utilizada como sentença ameaçadora para as próximas cidades que decidissem não se entregar. A frase talvez nem tenha sido dita, mas associada a Amauri teve grande impacto psicológico e terrorífico, deixava claro que não havia mais distinção entre hereges e cristãos. Simplesmente, todos aqueles que apoiavam ou davam abrigo a hereges eram considerados heréticos e mereciam o mesmo fim violento (MACEDO, 2000). Apenas em Béziers, além dos habitantes massacrados pelas espadas dos cruzados, mais de 400 pessoas foram queimadas e muitas outras lançadas nos

¹⁴ Tradução livre. Original escrito em occitano por Guilherme de Tudela no livro “Canso de La Crozada”: “E totz sels aicizian qu’el mostier se son mis, Que no’ls pot gandar crotz, autar ni cruzifis; E los clerics aucizian li fols ribautz mendics E femnas e efans, c’anc no cug us n’ichis. Dieus recepia las armas, si’l platz, en paradis!”

poços da cidade, para inutilizar seu abastecimento de água. As fortalezas do caminho entre Béziers e Carcassonne (90km de distância) se entregam sem combater (SANGÜESA, 2006).

Depois do massacre em Béziers, a cidade de Carcassonne foi sitiada e conquistada em agosto do mesmo ano. Simon de Montfort, novo líder da Cruzada, assumiu as terras da nobreza de Carcassonne. Toulouse foi sitiada em 1211, quando conde Raimundo VI de Toulouse, líder da resistência cátara, tentou a reconciliação e paz com a Igreja, durante o Concílio de Saint Gilles, mas as negociações foram inviabilizadas pela alta cúpula clerical, que não admitia suspender a (lucrativa) Cruzada.

Em 1213, o rei Pedro de Aragão e importantes senhores feudais occitanos fizeram uma ofensiva armada, mas foram derrotados. Neste momento, a Cruzada se tornou católicos contra católicos. Pedro, denominado “O Católico”, saiu em defesa dos hereges, contra o papado, pois era senhor de muitas posses no Languedoc, com vassallos cátaros que solicitaram auxílio para defesa. Cumprindo seus votos de suserania feudo-vassálica apresentou-se para combater contra a Igreja. Também devem ser levado em consideração laços entre linhagens de nobreza, pois Raimundo VI era seu cunhado. O ataque papal e do rei da França ao Languedoc, desapropriava territórios pertencentes aos senhores occitanos, desta forma, os interesses patrimoniais de Pedro eram diretamente afetados pela Cruzada. O rei Pedro de Aragão, defendendo a nobreza do Languedoc, encontra a morte na batalha de Muret. Isto é significativo, visto que um rei católico morre lutando a favor de heréticos e contra cruzados.

Com a morte do líder militar da Cruzada, Simon de Montfort, em 1218 e sem apoio regular de novos contingentes militares vindos do Norte, em 1224 os domínios conquistados pelos cruzados voltam para o conde Raimundo VI de Toulouse. O filho de Simon de Montfort, de forma muito “apropriada” para a coroa, renuncia as posses conquistadas por seu pai no Languedoc e transfere seus direitos para Luís VIII, rei da França. Dá-se o fim da Cruzada Baronial e o início da Cruzada Real. O rei, a partir de 1226 submete a cidade de Avignon, mas morre no mesmo ano. O Tratado de paz de Paris estabelecido em 1229, decreta que Raimundo VII tenha garantidas as terras do condado de Toulouse, Agenais, Rouerge e Quercy; que se comprometa no combate a heresia em suas terras; que funde uma Universidade em Toulouse; além de prestar apoio aos tribunais inquisitoriais instalados no Languedoc. O antigo viscondado de Béziers e Carcassonne, assim como toda a parte oriental da Occitânia passaram a pertencer aos territórios feudais da coroa francesa. Por fim, Raimundo VII (filho de Raimundo VI) ficou

obrigado a casar¹⁵ sua filha mais nova, Joana, de nove anos, com o irmão mais novo do rei, Alfonso de Poitiers. Este recurso legal garantia que, mesmo de forma indireta, as posses de Toulouse, Agenais, Rouerge e Quercy, ficariam sob controle da família real francesa (MACEDO, 2000).

Entretanto, mesmo que a Cruzada tivesse terminado oficialmente em 1229, os cátaros resistem. A fortaleza de Montségur, em posse dos heréticos, só foi derrotada em 1244 e, apenas, no início do século XIV, os últimos cátaros persistentes foram identificados, perseguidos e eliminados. O extermínio do catarismo foi possível devido ao Tribunal do Santo Ofício, a Inquisição. A principal consequência da Cruzada Albigense¹⁶ foi o estabelecimento do Tribunal visando a autoridade e o controle hegemônico da Igreja Católica em toda Europa (COSTA, 2016). O Papa Inocêncio III chamava os hereges de Albi de “raposas” e mandava inquisidores para o Languedoc para “capturar as raposas que devastavam a vinha do Senhor”. No Direito Canônico, consagrou-se a palavra raposa como nome pejorativo para definir comportamentos heréticos. A raposa, animal com fama de ser sorrateiro, daninho e com grande capacidade para fugir e esconder-se (MOURA, 2016). O combate mortal e a eliminação física deram espaço para o controle e vigilância constante das dioceses que se encarregaram de promover a manutenção e pureza da religião católica. O que a Cruzada não conseguiu matar, a Inquisição passa a caçar (GODES, 1995).

As três principais fontes primárias sobre a Cruzada Albigense são as obras: “*Canso de La Crozada*”, de Guilherme de Tudela, escrita entre 1212 e 1213, em francês “*Chanson de la Croisade*”. O único manuscrito preservado data, aproximadamente, de 1275, mas teve diversas cópias entre os séculos XIV e XV. No século XIX (1832) a obra foi impressa e editada por Claude Fauriel. A crônica “*Historia Albigensis*”, escrita pelo padre cisterciense francês Plierre des Vaux de Cernay, em 1212, foi produzida em louvor de Simon Montfort e dedicada a Inocêncio III. A obra é considerada a versão oficial do conflito, já que o autor presenciou os acontecimentos. Por último, a “*Chronica Magistri*” redigida pelo clérigo tolosano Guilerm de Puèglaurenc (Guillerm Puylaurens), seu intento era dar algum sentido a guerra, buscando suas

¹⁵ O acordo definia que, caso Raimundo VI não tivesse sucessores masculinos, suas posses seriam herdadas pelo casal (sua filha Joana e o príncipe da França, Alfonso). Se o casal também não tivesse descendentes masculinos, as posses iriam para a coroa francesa. De fato, foi isso que aconteceu. O casal herdou as posses do pai de Joana, não teve filhos, quando o último cônjuge morreu, em 1270, a herança ficou para o rei Filipe, o Ousado. Mais um grande território occitano nas mãos da coroa francesa (MACEDO, 2000).

¹⁶ O rótulo de albigense tinha uma generalização enganosa no século XIII, pois quase todos os hereges eram definidos por esta expressão, ou então, por cátaros – sendo o catarismo o verdadeiro movimento herético ao qual os albigenses (moradores da cidade de Albi) faziam parte.

principais motivações (MACEDO, 2000). Entretanto, estas três obras não são as únicas, nos anos 2000, Kay Wagner, um investigador alemão, reuniu mais de 175 crônicas escritas entre 1209 e 1328 que mencionam ou são sobre a Cruzada. Localizadas pelo sul e norte da França, na Espanha, principalmente em Aragão, na Inglaterra e na Itália (CABRER, 2009).

1.3.4 Os *Faidits*

A *Grand Larousse encyclopédique* [...] vocábulo do baixo latim — *faiditus* — , cujo significado, na Idade Média, seria o de 'fora da lei' e, mais particularmente, albigenses expulsos do Languedoc. A *Grand encyclopédie* afirmar que na Idade Média se designava pelo nome de *faidits* os errantes, condenados em fuga, banidos, enfim os integrantes de uma 'classe nômade' de bandidos e salteadores em guerra com a sociedade (MACEDO, 2000, p, 8).

A designação de *faidits* era dirigida aos habitantes do Languedoc, por serem suspeitos de envolvimento com o catarismo. Estas ideia e nomenclatura surgem após a Cruzada Albigense, com o banimento, morte e confisco de bens destas pessoas. Sem suas propriedades e banidos, resta apenas cair na estrada, tornar-se um andarilho e buscar formas de sobrevivência, sejam elas quais forem, inclusive o banditismo. A Cruzada Albigense, além de promover o extermínio de parte da população do Languedoc, lançou outra parte na miséria e na marginalidade, atendendo a necessidade de posse e divisão de propriedades dos, ditos, hereges entre a Coroa Francesa e o Papado.

2. A UTOPIA DA PUREZA: O CATARISMO

*Este é o discípulo que dá testemunho
de todas essas coisas, e as escreveu.
E sabemos que é digno de fé o seu testemunho.
Jesus fez ainda muitas outras coisas.
Se fossem escritas uma por uma,
penso que nem o mundo inteiro
poderia conter os livros que se deveriam escrever.
Jo 21, 24-25*

A epígrafe apresenta os dois últimos versículos que encerram o Evangelho de São João. O Evangelho de São João foi a principal escritura utilizada para guiar o funcionamento sociedade cátara. Este Evangelho, mais do qualquer outro, se debruçou sobre a descrição de uma vida pura, casta, humilde e espiritualmente elevada de Jesus Cristo, preceitos que o catarismo buscava reproduzir em seu cotidiano.

A Reforma Gregoriana¹⁷ (entre os séculos XI e XII) teve a intenção de criminalizar toda dissidência da estrutura eclesiológica e política do catolicismo. O rótulo de heresia era utilizado para defender os interesses teocráticos centralizadores da Igreja Romana. Os cátaros não foram o único grupo herético a ser combatido, entre os séculos XII e XIII, todavia diferentes grupos de hereges foram chamados, genericamente, de cátaros, possivelmente devido ao grande impacto que esta heresia teve no equilíbrio da Igreja Católica (FRANCO, 2018). No momento em que os cátaros têm a pretensão de libertar a humanidade da Divina Providência¹⁸, esta autonomia fere diretamente uma prerrogativa/direito de Deus sobre sua criação. Dessa forma o homem se torna herege, pois rompe a sagrada relação entre a sociedade e seu criador.

O catarismo, mesmo com toda a vigilância imposta pela Igreja Católica, conseguiu se desenvolver, difundindo-se pela Europa e tornando-se um movimento religioso sectário. Normalmente, a configuração das heresias era limitada a uma contestação e/ou adaptação de preceitos pré-existentes no catolicismo. Embora esses pensamentos fossem divergentes, não buscavam romper, de fato, com a Santa Madre Igreja. Os cátaros criaram uma Igreja independente, com doutrinas, cultos e fundamentos próprios. Esta heresia pregava não apenas

¹⁷ Tal como apresentado no Capítulo I; 1.2 – Caracterização da Igreja Medieval.

¹⁸ Termo referente a agência de Deus na vida das pessoas e de todos os demais seres. É a influência de Deus em tudo o que acontece, sua onnipresença e onisciência. Neste sentido, nada é realizado há história da humanidade sem o conhecimento e permissão Divina.

modificações, mas a extinção da Igreja Católica. Os fundamentos lançados pelos cátaros serviram de inspiração para o aparecimento de outros movimentos contestatórios e de afronta a hegemonia da Igreja Católica medieval.

2.1 Antecedentes do Catarismo

O catarismo é uma heresia medieval que apresenta seu primeiro registro condenatório em 1163, nos “Sermões Contra os Cátaros” escrito por Eckbert¹⁹ (ZERNER, 2017). Os sermões foram produzidos tendo em vista que muitos bispos da Igreja Católica passaram a abandonar seus cargos e unirem-se a Igreja Cátara. Este era um recurso dos hereges para enfraquecer o catolicismo. O movimento buscava uma melhora intelectual, onde bispos e padres, ligados às universidades do catolicismo eram cooptados e integrados na heresia do Languedoc. Os nobres também farão parte da sociedade cátara, por estarem aborrecidos com os altos impostos e dízimos cobrados pela Igreja, cada vez mais rica (GODES, 1995).

2.1.1 Bogomilos

O catarismo é a segunda heresia pós-milenarismo²⁰ e é a segunda heresia dualista²¹, sendo os bogomilos a primeira heresia com essas mesmas características. A heresia bogomila²² descrita em *Los Cátaros*, de Jesús Maria Godes, foi analisada como um comparativo entre semelhanças e diferenças com o catarismo.

Ponen en practica una existencia de humildad y de penitencia, abocada a la plegaria y la vida interior, revestidos de ropas sencillas, alimentados frugalmente, con una vida presidida por el caminar incesante y por la mendicidad. Para ellos todas las pompas de la Iglesia y sus sacramentos, los iconos y las oraciones ostentosas, toda la potencia de los Estados y de cristiano son vacío²³ (GODES, 1995, p 96).

¹⁹ Eckbert von Schônau era cónego da cidade de Schônau. Os sermões foram redigidos em combate as heresias, no caso, os Cátaros, que estavam em ascensão no período.

²⁰ No ano mil houve a crença do retorno de Jesus Cristo e o acontecimento do Apocalipse, assim como descrito na Bíblia Sagrada. Próximo do milênio também houve a desestruturação do Império Carolíngio (FRANCO, 1999). No ano mil, os dualistas maniqueus já estavam presentes na Europa (GODES, 1995).

²¹ O dualismo é uma filosofia criada por Mani, um persa gnóstico do século III. Ele considera que desde o começo do mundo existe uma dualidade absoluta dos princípios equivalentes: do bem e do mal (GODES, 1995).

²² Em torno do ano mil, um sacerdote, Cosmas, explica por uma carta que existe uma heresia dualista em Bizâncio e na Bulgária, em Bogomil. Como existia na Bulgária, a teoria segundo outros escritos, é que também haveria em outros lugares da Europa (GODES, 1995).

²³ Puseram em prática uma existência de humildade e penitência, imersos na oração e na vida interior, vestidos com roupas simples, alimentados frugalmente, com uma vida presidida por incessantes caminhadas e medições.

Os bogomilos são uma influência para os cátaros, ao criticarem a Instituição que deveria ser o centro religioso de proteção da alma dos seus seguidores, mas que tinha se tornado uma casa de câmbio, vendendo espaços no céu, usando terror simbólico para controle social e caçando aqueles que não concordavam com sua atitude. A heresia bogomila utiliza da humildade como bandeira e por isso recebe apoio do povo (os cátaros, além da população humilde, também receberam auxílio da nobreza) (GODES, 1995). Os bogomilos diziam ser a “verdadeira e oculta Igreja Cristã, a Igreja de Belém e Cafarnaum²⁴”, os ensinamentos da heresia se davam a partir do Novo Testamento, onde os passos de Jesus Cristo deveriam ser seguidos (RICHARDS, 1993).

Os bogomilos eram rígidos em sua dualidade e praticavam a ascese²⁵, rejeitavam o sacramento da Eucaristia e optavam pela destruição de imagens sacras, pois a representação de Deus era um ato profano. Para ser considerado fiel havia uma pequena cerimônia de iniciação, onde se colocava sobre a cabeça do ingressante o Evangelho de João, logo depois o iniciado fazia retiro espiritual, após o qual era batizado recebendo novamente o Evangelho pela invocação do Espírito Santo. Ao contrário do que ocorre no catolicismo, a água não era utilizada nesse ritual por ser considerada criação satânica. O iniciado deveria se dedicar ao ascetismo e renunciar a qualquer tipo de contato carnal (comida e relação sexual). Entretanto, diferente dos cátaros, nos bogomilos não havia uma Igreja estruturada (PERCIVALDI, 2018).

A heresia bogomila é considerada uma seita oculta por trás do catarismo, mas os bogomilos aparecem em registros anos antes do catarismo. Devido algumas das ideias dessas heresias serem muito parecidas e elas coexistirem na Europa, ocorreu a confusão de informações que ora as consideravam o mesmo movimento, ora consideravam os bogomilos uma facção cátara e vice-versa. Os Paterenos²⁶, por exemplo, também compartilhavam configurações semelhantes com os bogomilos e o catarismo (BAIGENT; LEIGH, 2001).

Para eles, todas as pompas da Igreja e seus sacramentos, os ícones e as orações ostentosas, todo o poder dos Estados e do cristianismo são vazios (tradução livre).

²⁴ Cidades de Israel onde Jesus nasceu e visitou enquanto vida pública.

²⁵ Conjunto de práticas austeras, comportamentos disciplinados e “evitações” morais prescritas aos fiéis, com o objetivo de realizar os desígnios divinos e as leis sagradas. No caso dos bogomilos e cátaros, representava o completo afastamento dos prazeres carnis, uma dedicação extrema as orações, privações físicas e flagelações.

²⁶ Os Paterenos ou “Paterini” surgiram no Sul da Itália, no século XII. No primeiro terço do século XIII, os Paterinos se estabeleceram em parte do Reino da Hungria e em 1235, uma Cruzada foi realizada contra eles,

2.1.2 A Igreja Cristã Arcaica

Segundo Gonzaga (1993), embora tivessem uma compreensão dualista do universo, o catarismo tinha uma inspiração na Igreja Cristã Arcaica²⁷, que observava como fundamentais os preceitos dos Evangelhos e que se organizava em Igrejas independentes espalhadas pela Europa, como nos primórdios do cristianismo. Os Cátaros aparecem em Lieja, em 1144 e em Périgord, em 1146, já em 1148 são mencionados no Concílio de Reims. São vistos também na Lombardia, em Nápoles, na Inglaterra, na Alemanha e na Itália (GODES, 1995). Esta heresia se caracterizava como um desdobramento do maniqueísmo, que retornou à Europa no século X, o neomaniqueísmo. O catarismo inicia seu processo de expansão e criação de Igrejas “pela planície de Lauragués, passa pela Montanha Negra, pelos vales do Ariège ou o Alto Garona até chegar a Toulouse. Aqui estão os grandes centros cátaros: Minerve, Monstral, Saint-Félix, Fanjeaux, Mirepoix, Pamiers, Caraman, Lavaur, etc ...” (GODES, 1995, p 21-22).

Uma das ramificações cátaras fora da França era dos Moderados, pertencentes a Igreja de Concorezzo, perto de Milão/Itália. Para estes hereges, diferente dos demais cátaros, o mal surgiu do livre arbítrio de um anjo (considerado Satanás ou Lúcifer), que conseguiu convencer um terço dos anjos para acompanhá-lo para a batalha contra Deus. Durante nove dias e nove noites, os anjos que o seguiram caíram como chuva. Para os Moderados o mal surgia do interior do bem, pois Deus é Onipotente (tudo provém Dele) e a criação do mundo era uma imitação material de uma existência espiritual (FRANCO, 2010). Acreditar no Livre Arbítrio e não ser dualista eram as principais características da Igreja Cátara de Concorezzo, o que a diferenciava da originária do Languedoc. A partir de sua compreensão sobre o Livre Arbítrio, esta seita incutia na população um espírito contestatório e mesmo revolucionário, que despertava a ira da Igreja Católica. O movimento cátaro italiano sucumbe no final do século XIII (PERCIVALDI, 2018).

2.2 O Conceito de Utopia

semelhante a Cruzada contra os Cátaros, que se revelou malsucedida sobre a extirpação da heresia (BAIGENT; LEIGH, 2001).

²⁷ Foram os primeiros movimentos da religião. Os cristãos se reuniam para proclamação do Evangelho e a comunhão. Era presidida pelos discípulos de Jesus.

Thomas More (1516) era católico, atacou o protestantismo e criticou as heresias, mas, mesmo assim, em seu livro “A Utopia” percebem-se convergências entre os fundamentos da Igreja Católica e as utopias e a identificação de aproximações com determinadas heresias. Para pensarmos a Utopia, primeiramente necessitamos analisar o seu conceito: “local ou situações ideais onde tudo é perfeito, harmônico e feliz”, assim, como descrito no livro de More, onde é descrita a cidade ideal e suas características de acordo com todos os atributos civilizatórios perfeitos. Mas para o cristianismo, o pensamento herético, mesmo que pregasse um mundo de igualdade e fraternidade, era utilizado para construção da figura do Outro como demoníaco. Apenas o catolicismo era considerado real, verdadeiro e bonito.

O pensamento utópico está na natureza religiosa e a principal motivação do utopista é a pureza absoluta, que exige uma reconfiguração total e reflexiva sobre Deus e a Criação. A partir do momento em que o utopista faz uma escolha diferente da sociedade (neste sentido da própria cristandade), é considerado herege, pois vai contra a vivência da religião considerada como oficial (FRANCO JR, 2018). A utopia, no caso dos movimentos religiosos-sociais, mesmo no medievo, não pode ser considerada como meras fantasias de uma futura sociedade inalcançável. A idealização de uma nova Igreja completamente desvinculada do apego ao material e dos prazeres carnis não é postulada como algo fantástico, mas como um objetivo concreto a ser alcançado em comunidade. Não se almeja o impossível, o impensável, mas uma ideal a ser realizado, independente do tempo que leve e dos sacrifícios necessários.

2.3 Configuração Geral do Catarismo

Os cátaros foram uma das seitas mais numerosas e mais influentes do medievo, seu modelo de sociedade diferia do correspondente a Europa do século XII. Tão influente foi esse modelo que nem as intervenções papais foram o bastante para controlar a heresia. Eles reescreveram o pauperismo e o rigor moral com suas próprias palavras de ordem, estavam fora do sistema e se isolaram de qualquer meio de interferência (PERCIVALDI, 2018). O mais correto seria falar de “catarismos”, no plural. Os cátaros viviam de acordo com o mesmo conjunto básico de crenças, embora houvesse variantes locais, derivações comportamentais e ideológicas comuns a cada grupo, em diferentes partes da Europa. Apesar das diferenças regionais entre os “catarismos”, em sua liturgia havia três elementos comuns: A prece, limitada praticamente ao *Pater Noster*, que deveria ser recitado várias vezes ao dia. Um único

sacramento, a imposição das mãos, denominado *consolament*, em occitano e *consolamentum*, em latim. O *aparelhament* (preparação), realizado uma vez por mês (FRANCO, 2018).

A estrutura teológica dualista cátara colidia fundamentalmente com a crença católica. Os valores e ações cátaras se ajustavam com o clima religioso “puritano” da época, aproveitando a atmosfera anticlerical, o entusiasmo crescente da religião, a desordem das condições econômicas e sociais e a ascensão do respeito a tradição dos ascetas²⁸ (RICHARDS, 1993).

2.4 A Ideologia Cátara

A cosmogonia cátara tinha como principal preceito o dualismo, a crença metafísica na coexistência eterna de dois princípios opostos, mas iguais em poder e eficácia tendo cada um seu papel no equilíbrio do universo. O Bem (Deus), dele provinha a pureza espiritual, a perfeição, era o criador dos anjos e dos espíritos e de tudo que é invisível. O Mal (Satã), dele provinham os defeitos, as imperfeições, a corrupção, a criação de tudo o que é visível, da matéria, inclusive os seres humanos (MACEDO, 2000). A base da doutrina cátara encerra o eterno mistério da coexistência e da relação entre o perfeito e o imperfeito, o absoluto e o transitório, o eterno e o temporal, o bem e o mal, o espírito e a matéria. O catarismo foi dividido em dois partidos: aqueles que acreditavam que Satã era um Deus independente, enquanto outros acreditavam que ele era um anjo caído que criou este mundo. Porém, o consenso geral da heresia era de que a matéria era má e se deveria procurar atingir o equilíbrio com o bom Deus no sentido espiritual (FALBEL, 2007).

A partir desta ideologia havia obrigações religiosas: abstinências contínuas e rigorosas; pobreza absoluta; regras estritas no comer (jejuns diários e jamais comiam carne); não praticavam sexo (eram contrários à procriação); cometiam suicídio ritual; pregavam que a Igreja Católica (chamada de Igreja dos Lobos) era a maior representação de Satanás; eram contrários a guerra. De forma geral, eram contrários ao próprio *modus vivendi* da época, pois tentavam a aproximação quanto possível do bem absoluto (MACEDO, 2000). Neste sentido, para alcançar a perfeição pura, a Igreja Cátara não se materializava sobre nenhuma pedra, madeira ou

²⁸ A tradição dos ascetas provém do século IV, do Oriente cristão, onde monges optavam por viver com o mínimo possível, sem possuir qualquer bem material, muitas vezes em locais isolados, buscando apenas a iluminação espiritual. O ascetismo retorna com força nos séculos XII e XIII frente a crise moral da Igreja.

qualquer outro aparato físico, não tinham prédios ou construções próprias para a reunião da comunidade nos momentos de oração [...] “*non es de pietra ni de fuesta ni de nenguna cosa feita de man*”²⁹ (FRANCO, 2010, p, 18). Os cultos ocorriam em pequenos grupos, nas residências dos crentes e quando eram muitas pessoas, aconteciam nos celeiros, nas oficinas de tecelagem ou nos porões. “Deus está tanto numa casa quanto na Igreja”, declarou um cátaro em interrogatório inquisitorial (*Registre d’inquisition*, 1965, vol. III, p.15).

A primeira utopia da heresia cátara é seu nome, concebido em fontes católicas em sentido irônico. A palavra “cátaros” é atribuída a este grupo herético em 1163 pelo abade Eckbert von Schönau. *Kátharos*, em grego, significa “puros” e nos registros católicos designavam os membros da elite espiritual da seita, qualificados como *perfecti*, os “hereges perfeitos”. A terminologia católica oficial pretendia ser depreciativa, debochada, mas terminou por identificar apropriadamente a busca obsessiva de pureza pelos “perfeitos”, ao ponto de mesmo os contemporâneos católicos reconhecerem este empenho.

A partir de 1165, como forma de diferenciação da Igreja Católica, os ministros cátaros se autodenominaram como *veri christiani* ou *bonos christianos*, ou então, *bos homes*, *bos crestias* ou *crestias*, em occitano. Os outros membros da comunidade eram apenas “crentes” (*crezents* ou *credentes*) (FRANCO, 2018). A Igreja Cátara era feita de eleitos separados entre “perfeitos” e “crentes”. O primeiro grupo considerado como a “aristocracia” da sociedade, intelectuais que tinham sua própria hierarquia. Enquanto o segundo grupo (e maior parte da população) era constituído por aqueles que acreditavam na doutrina, mas não eram “bispos” (FALBEL, 2007). Os “perfeitos” haviam alcançado o mais alto grau de pureza e conhecimento, os “crentes”, adeptos progressivos em uma rígida ascese, eram ajudados a se libertarem dos prazeres mundanos e terrenos para alcançarem a perfeição do espírito (PERCIVALDI, 2018).

A organização deles era estruturada segundo um modelo hierárquico: no mais alto degrau estavam os ‘perfeitos’, aqueles que tinham alcançado o conhecimento. Nos estratos inferiores estavam aqueles adeptos que eram progressivamente ‘iniciados’ no mesmo conhecimento, e através de uma rígida ascese, ajudados a se libertarem dos prazeres terrenos e a alcançar a perfeição do espírito. Para obtê-la deviam renunciar a qualquer contato de natureza sexual e a qualquer alimento que tivesse alguma relação com a procriação: carne, ovos, queijo, leite. Nada que pudesse relacioná-los com o mundo terreno e, assim, sujá-los com o pecado (PERCIVALDI, 2018, p 294-295).

²⁹ Não é de pedra nem de madeira nem de nada artesanal (tradução livre).

Mesmo com esta separação, na heresia cátara não havia grande distância social, nem econômica, inclusive nas relações de gênero. A condição feminina no catarismo era melhor do que na sociedade feudal circundante. O “sacerdócio” cátaro feminino era aceito, as *perfectae* eram consideradas com tanto Espírito Santo quanto qualquer outro ser masculino. Assim, as mulheres também podiam ministrar os ritos e fazer as reverências. Entretanto, também havia restrições e desconfianças. Encostar na cabeça de uma mulher crente dava a punição de nove dias em jejum a pão e água, para purificação, pois elas eram consideradas “inferiores” e não podiam alcançar os cargos mais altos da hierarquia. As mulheres *perfectae* normalmente eram velhas e viúvas (FRANCO, 2018).

O catarismo tinha uma concepção evangélica de seguir a Jesus Cristo e a sua simplicidade. Em seu pensamento, a sociedade cátara estava na terra como uma forma de cumprir sua penitência e alcançar o céu. Diferente do catolicismo, entre os cátaros não existiam pecados veniais³⁰, apenas mortais, ou seja, qualquer pecado condenava eternamente ao fogo infernal. O pecado era a pedra angular da existência terrena, estava em (quase) todas as coisas, ações e pensamentos. A materialidade era, por definição, pecaminosa (GODES, 1995). Para os hereges, a natureza espiritual era completamente boa e a carnal completamente má (*natura spiritus est tota bona, ergo natura carnis est tota mala*), explicou Prepostino de Cremona, no fim do século XII (FRANCO, 2018).

Os Cátaros tinham a sua própria “Bíblia”, um livro de princípios que explicava a teoria dualista, com os capítulos: Instrução aos ignorantes; Sinais universais; Tratado do livre arbítrio; O livre arbítrio; contra os “Garatenses”; As percussões; A matéria desde toda a eternidade e As origens dos princípios (GODES, 1995).

A organização da Igreja Cátara era constituída de bispos e diáconos, como na Católica, com estruturas hierárquicas parecidas, mas a primeira não tinha a pompa e ostentação da segunda. Cada pessoa tinha uma função dentro da Igreja cátara a partir de seus próprios recursos, dons e talentos. As “Casas Cátaras” eram as unidades, as “células vivas” onde a comunidade se organizava. Eram as casas onde habitavam os “perfeitos”, homens e mulheres separados. A prática de vida era comunitária, onde até mesmo os alimentos e o ato de se

³⁰ Pecado venial se refere a um pecado menor não significando a uma completa separação com Deus ou uma condenação eterna no inferno, como resulta o pecado mortal.

alimentar eram coletivos (GODES, 1995). A Igreja Cátara não possuía bens e não apresentava peso político, mas havia um reconhecimento público na mensagem comunitária disseminada, onde mesmo quem não fazia parte da seita se solidarizava com ela e a escolhia como referência (PERCIVALDI, 2018).

A Igreja de Deus era a Igreja Cátara, cabendo apenas a ela o poder de perdoar ou reter os pecados. Da mesma forma, apenas a Igreja de Deus, tinha recursos para expulsar demônios, curar enfermos, ressuscitar mortos e purificar impuros, como disse Cristo no Evangelho de São João: *“Como me enviou meu Pai, assim eu vos envio. Quando pronunciou estas palavras, soprou sobre eles e os disse: Recebe o Espírito Santo; a quem perdoardes os pecados, eles serão perdoados; a quem os retivéreis, eles serão retidos”* (Jo 20, 21-23).

A segunda utopia cátara é a busca pela pureza absoluta, para alcançar esta meta a pessoa precisava renunciar a todo contato de natureza sexual e qualquer alimento com relação a procriação, como carne, leite, queijo e ovos. Deviam negar tudo o que pudesse ligá-los ao mundo terreno e se sujá-los com o pecado carnal/material (PERCIVALDI, 2018). A condição de “perfeito” era justamente a rejeição total e definitiva de qualquer prática sexual, pelo perigo que ela significava para a alma. A Igreja Católica atribuiu aos cátaros práticas sexuais desregradadas, sodomíticas, incestuosas e libertinas, o que pode ser considerado uma falácia na tentativa de deslegitimação do movimento, (FRANCO, 2018). O casamento cátaro, por exemplo, era aceito apenas para os crentes, como forma de concessão à fraqueza humana.

2.4.1 Perfeitos

Os perfeitos, além de darem o exemplo como trabalhadores esforçados, tinham a obrigação de pregar os ensinamentos do catarismo por toda a região, tal como fizeram os apóstolos. Em sua maioria eram tecelões, tanto, que a palavra “tecedor” é utilizada como sinônimo de herege, após a Cruzada Albigense. Em suas viagens de pregações a outras aldeias não cátaras, os perfeitos (apenas homens, perfeitas não pregavam) caminhavam sempre em duplas, como uma forma de um vigiar e controlar o outro constantemente (GARDÈRE, 1996). Todo perfeito estava rigorosamente proibido de mentir e jurar. Estas eram consideradas ações que definiam a política e religiosidade dos católicos, ao norte. O juramento tinha uma característica de mentira, pois jura poderia ser assegurada apenas através da vontade humana, independente da vontade de Deus. Os perfeitos se dividiam em diáconos, sacerdotes e bispos.

Sendo assim, esses “sacerdotes” [perfeitos] possuíam roupas simples e rústicas, na sua alimentação não tinham prática carnívora exceto o peixe, não tinham apego à propriedade pessoal, caminhavam na privação sexual, não eram a favor da violência e não admitiam o juramento e a mentira (MOURA, 2016, p, 19-20)

O perfeito poderia ter qualquer idade, mesmo depois de casar e ter filhos, o importante era como a pessoa conseguiria alcançar a pureza absoluta. Levava cerca de três anos de preparação e aperfeiçoamento espiritual para se tornar um perfeito e obter o *consolament*. Os perfeitos se tornavam exemplos de conduta e prática na comunidade, jejuavam três vezes na semana, escutavam as confissões de crentes e simpatizantes e concediam a sua absolvição.

Como já antes mencionado, há mulheres como perfeitas e elas possuem grande notoriedade dentro do movimento:

As Perfeitas eram as matriarcas cáticas, e elas estão presentes dentro das casas religiosas desde o século XII. As mulheres do Languedoc tinham absorvido a cultura do catarismo em seu dia a dia. Posso afirmar que existiam mulheres cáticas camponesas, como também dentro da aristocracia languedociana, e que muitas dessas mulheres também foram Perfeitas. Desta maneira, as mulheres têm uma grande importância para o estabelecimento da doutrina na localidade do Languedoc, mulheres plebeias e nobres. Deduz-se das fontes que essas mulheres se dedicavam corajosamente ao catarismo, e foram fortes até o final de sua execução (MOURA, 2016, p, 21).

2.4.2 Crentes

Este grupo estava “livre” para uma vida menos regrada do que os perfeitos, serão acusados de roubo, assassinato, amor ilícito, tipos de perjura e perversidade. Assim, os crentes poderiam pecar sem limitação e sem penitência pois tinham a ideia de que iriam ser salvos quando recitassem a oração do Senhor e lhe impusessem as mãos efetivando o *consolament*, no final de suas vidas. Esta ideia de que poderiam pecar e mesmo assim poderiam ser salvos, desde que obtivessem a absolvição de seus pecados, parte da visão maniqueísta. Pelo menos esta é a imagem construída pela Igreja Católica sobre os crentes cáticos. Devassos pecaminosos que tinham a salvação como algo garantido (OLIVEIRA, 2013).

Em sua maioria os crentes eram pessoas que estavam em preparação espiritual para receberem o *consolament*. A ideia desvairada de que eles pecavam por divertimento servia para deslegitimar o movimento. Os crentes estavam em maior número de pessoas e mesmo que suas regras não fossem tão explícitas e rígidas quanto a dos perfeitos, eles estavam em constante

vigilância. Apenas os perfeitos poderiam definir qual crente estava ou não preparado para receber o *consolament*.

2.4.3 *Simpatizantes*

Os cátaros tinham livre acesso as altas camadas da aristocracia languedociana, os senhores eram considerados então, simpatizantes. Os que não assumiam a religião cátara, mas os toleravam, eram considerados como “Simpatizantes dos Amigos de Deus”. Uma das crenças do catarismo era o pacifismo, eram totalmente contra a violência. Mas, os simpatizantes podiam ocupar a função de *Bellatores*, aqueles designados a pegarem em armas para estabelecer a lei e a segurança da comunidade. Os simpatizantes *Bellatores* faziam parte da nobreza vassálica da região do Languedoc, eram nobres treinados para a guerra, desde a adolescência, com posse de castelos e tropas de cavaleiros (MOURA, 2016).

2.5. A Liturgia Cátara

O *aparelhament*, consistia na confissão em público ou individual com absolvição coletiva – mas sem caráter sacramental (FRANCO, 2018). Também tinham os ritos: *melhorament*, rito de cumprimento entre os perfeitos, em que a inclinação era repetida três vezes e se dizia “*Bon Home ou Bona Dona, la bendicion de Dios y la vuestra*” (Bom Homem ou Boa Mulher, a bênção de Deus e a Vossa); e a *Endura*, quando acontecia algum suicídio místico, quando o cátaro fazia jejuns até a morte (GODES, 1995).

Um tratado de 1260-1270 define três quaresmas anuais para os perfeitos: Natal, Páscoa e Pentecostes. Nestes períodos, passavam a pão e água durante três dias por semana e todos os dias da primeira e da última semana de cada quaresma. Por causa da rejeição à alimentação carnívora, eles viajavam com a sua própria panela para evitar o contato com a carne nos alimentos, e se fosse preciso utilizar o instrumento alheio, este, era lavado cinco vezes (FRANCO, 2018).

A liturgia dos cátaros, segundo o inquisidor Rainiero Sacconi (- 1262) era pública, eles nunca oravam em segredo, nem choravam ou ficavam tristes por causa de seus pecados, nem pediam ajuda a Deus em qualquer sentido simbólico de contrição. Os cátaros também não suplicavam por auxílio aos anjos, aos santos e nem por Maria – a Virgem -, e nem utilizavam a

cruz. Assim, os cátaros substituíam a penitência eclesial e qualquer mediação do sacerdote. Os cátaros não acreditavam em penas purgatórias e não faziam distinção entre pecados, assim, não havendo classificação O pecado venial não existia, apenas o pecado mortal. (SILVA, 2012).

2.5.1. *Consolament*

O *consolament* poderia ser considerado como um batismo mítico para a entrada na comunidade, ou também uma forma de aperfeiçoamento intelectual dos “perfeitos” (GODES, 1995), mas negavam o batismo realizado na Igreja Católica, pois na mitologia cátara, não havia a ideia do Pecado Original. Os sacramentos da Igreja Católica eram considerados como *deceptoria et diabólica* (enganosa e diabólica), expressão para se referir a penitência praticada pelos hereges *deceptoria et venenosa* (enganosa e venenosa) (FRANCO, 2018).

2.5.2 *Melhorament*

Este rito, o *melhorament*, era um rito cotidiano. Os crentes afirmavam a sua fidelidade para a Igreja Cátara. O rito era: o crente se colocava na posição a frente de um perfeito e nesta pessoa adorava o Espírito Santo e pedia a este a sua própria melhora. Era um rito de cumprimento e por isso diário. E a partir disto havia a *convenza*, tipo de pacto entre perfeito e crente, onde o perfeito daria ao crente o batismo do *consolament* quando estivesse em plenas condições de receber (BRÁULIO, 2013).

2.6 A Mitologia Cátara

Uma das mitologias cátaras é a ideia de que os homens são anjos caídos. O ser humano foi aprisionado pelo demônio no corpo material, considerado corrupto e vil. Esta parte da religião teria sua origem no maniqueísmo³¹, no zoroastrismo³² e no budismo³³ (FERNANDES; CORREIO, 2013). No catarismo, Jesus Cristo é considerado um anjo, juntamente com Maria e João (Evangelista). Jesus, como criação de Deus, não é Deus, mas um ser inferior a Ele, não sendo possível uma Santíssima Trindade. Desta forma, Jesus não teria encarnado como

³¹ Dualismo religioso sincretista, originado na Pérsia e difundido no Império Romano. Sua doutrina consistia no conflito cósmico da existência de um reino de luz (bem) e o reino de sombras (mal).

³² Religião Persa fundada em VII a.C, por Zoroastro. Consistia no dualismo ético, cósmico e teogônico, e implica na luta entre dois deuses, o bem e o mal.

³³ Sistema filosófico e religioso indiano fundado em VI a.C, por Buda. Consiste na aceitação do sofrimento como parte da existência humana e o superam a partir do estado de bem-aventurança integral (o Nirvana).

humano, mas assumido uma falsa aparência material de carne e osso. Para tanto, não teria sentido fome ou sede, nunca comeu ou bebeu, nunca sentiu frio ou calor, nem morreu ou ressuscitou (FRANCO, 2010). Assim, os cátaros vão contra o maior dogma da Igreja Católica e no que ela baseia toda sua fé: a Ressurreição de Jesus.

Os cátaros só acreditavam no Novo Testamento, as suas crenças estavam, especialmente, sustentadas no Evangelho de João, em Atos dos Apóstolos e nas Epístolas de São Paulo. O movimento fazia as suas próprias interpretações sobre as leituras (FERNDADES; CORREIO, 2013).

Desde os primeiros tempos, a nova religião insistiu sobre a oposição entre a verdade evangélica e as falsidades mitológicas, prolongando em outro registro a já então antiga oposição entre Logos e Mythos. Não por acaso, aliás, o autor do prólogo do evangelho de João, talvez um grego de fins do século I, refere-se a Cristo como sendo o Logos de Deus, terminologia adotada pela patrística grega. Essa opção fazia parte do processo de desmitologização do cristianismo, iniciada pelo mais grego dos autores bíblicos, São Paulo. Em razão dessa herança antimítica, o cristianismo oficial, desde seus primeiros tempos, e ao longo de toda a Idade Média, várias vezes denunciou a presença mitológica nas heresias, sem perceber (por razões ideológicas) que ele próprio é uma mitologia. A mitologia cumpriu um papel essencial na visão de mundo, em relação as heresias em geral, foi um choque entre as duas vertentes religiosas (catolicismo e catarismo), cujas mitologias eram muito divergentes (FRANCO, 2018, p, 11).

Para os cátaros não há uma crença no além, se nega o espaço intermediário do purgatório e o inferno é a própria terra, o paraíso celeste é um local espiritual, para aqueles que conseguiram recuperar sua condição angelical de origem:

A viagem da alma, até lá, ocorre em duas etapas. Na inicial, com duração de três dias, ela vai para a *terram novam* esperar a ressurreição geral, que acontecerá apenas quando todas as almas forem salvas; é uma região provisória, talvez o terceiro Céu, onde a reunião do “perfeito” com seu espírito leva-o ao êxtase. Na etapa final, a alma vai à terra dos vivos – *terra viventium* –, local da Luz, da felicidade paradisíaca. Esse sétimo Céu é descrito como positividade espiritual, “lugar de alegria”, e também – seguindo um *topos* da literatura medieval de viagens ao além, como negatividade de sensações terrenas, como lugar “onde não havia nem sede, nem fome, nem frio, nem calor (FRANCO, 2010, p, 21).

Depois que as almas do Deus Bom se penitenciam e se purificam pela transmigração em novos corpos materiais, até receberem o *consolamentum*, conseguem chegar ao Paraíso terrestre, local em que recuperam os seus corpos espirituais. “Toda criatura de Deus será salva”,

é a visão compartilhada. Depois que voltarem a pátria celeste, o mundo acaba (FRANCO, 2010).

Na visão cátara, foi Satanás quem ensinou aos humanos como se reproduzir pelo corpo. Essa mitologia remonta ao período de Adão e Eva e ensinava que Satã, através da serpente e utilizando a sua cauda, fornicou com Eva, que gerou Caim, e a ensinou como pecar com Adão, que gerou Abel. O corpo humano é considerado *opus satanicum* (obra satânica), ao invés da visão otimista da Igreja Católica, na qual o homem é feito à imagem e semelhança de Deus. (FRANCO, 2018).

2.7 A Utopia da Pureza: O Catarismo

O catarismo foi um movimento que estava buscando uma perfeição espiritual própria, fora dos parâmetros da sociedade medieval e do aceito pela Igreja Católica. O catarismo se torna utópico exatamente por estas razões: estavam querendo – e inclusive até alcançavam, já que existiam os perfeitos - um tipo de ser, pessoa, que não havia mais nada para ser melhorada, porque atingiu o ápice. Aos outros, os crentes, a utopia é o caminho, é a busca para encontrar em si mesmo esta pureza absoluta. Considerando que eles acreditavam em reencarnação, mas com um limite, pois depois de alcançar a pureza absoluta iam para o que consideravam céu e não voltavam mais, isto também podemos considerar como teto, é possível atingir este aperfeiçoamento para o além vida. O catarismo, nada mais é em toda a sua totalidade, uma perfeita utopia.

3. GUILABERT DE TOUZEILLES E AMBLERT DE D'ARIFAT: INTERPRETAÇÕES DE DOIS DEPOIMENTOS INQUISITORIAIS SOBRE OS CÁTAROS

*Disse-lhe Jesus:
“Aquele que tomou banho
Não tem necessidade de lavar-se:
Está inteiramente puro.
Ora, vós estais puros, mas nem todos!...”*
Jo 3, 10

*Não terás direito nem parte alguma neste ministério,
Já que o teu coração não é puro diante de Deus.
Ato dos Apóstolos 8, 21*

As epígrafes foram escolhidas por representarem os escritos de São João, tanto em seu próprio livro quanto em Ato dos Apóstolos, e por representarem a importância que a pureza adquire nos escritos desse evangelista. Percebe-se que há uma separação entre os puros e os impuros, limpos e sujos, para cada um há um destino diferente, salvação ou condenação.

A Igreja não tomou nenhuma medida drástica, em um primeiro momento, contra os cátaros, seguindo seus princípios de compaixão para com os criminosos, apenas se restringiu a medidas de catequese. Mas, isso foi em um primeiro momento. Já em 1160, quando os cátaros desembarcaram na Inglaterra, foram presos, marcados a ferro e expulsos do país. Em Aragão, há uma grande ofensiva, principalmente contra os valdenses, obrigando-os a deixarem o reino. No terceiro Concílio de Latrão, em 1179, houve condenações rigorosas contra as heresias e expedições repressivas no Sul da França (com fracos resultados). No concílio em Verona, em 1184, houve a unificação da repressão na península italiana (GONZAGA, 1993).

A Inquisição era pensada desde o Quarto Concílio de Latrão, em 1215, os bispos franceses procuravam medidas que garantissem os resultados e medidas coercitivas contra os hereges. Assim são pensadas as instalações de tribunais nas localidades mais atingidas, onde a população poderia denunciar as pessoas suspeitas de heresias para que fossem julgadas pela justiça. O Tribunal do Santo Ofício foi criado em 1231, pelo papa Gregório IX, como um órgão permanente e independente perante as autoridades locais, apenas subordinado a Santa Sé. Em 1234 houve três Tribunais: Toulouse, Carcassonne e Provença. A base ideológica e jurídica firmada depois da Inquisição é a colaboração entre Igreja e o poder laico. Aos fiéis é imposto o

dever de denunciar os hereges, ao réu é aplicado o confisco de bens e perda dos direitos de cidadão. Ou seja, é formado um tipo de terror de estado para controle, que se mantém rotineiro no período inquisitorial.

3.1 Interrogatórios

Os interrogatórios inquisitoriais escolhidos para utilização nesta pesquisa são dos anos de 1273 e 1274, e os inquisidores da época em Toulouse eram Raoul de Plassac e Pons de Parnac, inquisidores da cidade de 1273 a 1280. Os interrogatórios foram escolhidos por causa da rica descrição de seus dizeres, mas não estão em sua totalidade. Quando pesquisados, eles são encontrados com as palavras-chave de “Hérétique” e “Cathare”. O primeiro é associado a cátaros, de uma maneira geral. O método utilizado pelo juiz inquisitorial não apresenta o uso de tortura, mas a forma descritiva dos encontros com os perfeitos, tanto no primeiro inquirido escolhido, quanto no segundo, dá sustento para a efetivação de uma análise.

3.1.1 *Guilabert de Saint-Michel da cidade de Touzeilles*

Filho de Pierre de Saint Michel de Touzeilles, foi testemunha, jurou e foi inquerido pelo Tribunal do Santo Ofício. Em 13 de novembro de 1273, um dia depois do dia de São Martinho, ele disse:

Um dia, em Touzeilles na propriedade de meu pai, sob uma árvore, onde havia uma cabana, entre galhos avistei dois homens que me chamavam não à voz, mas com as mãos. Eu, então, decidi não ir. Mas voltei a casa de meu pai e o contei tudo. Ele me disse que eles eram **homens bons, hereges**, mas que eu não deveria ter medo, e que **poderia ir a eles com segurança**, pois eram amigos. Entendido isso voltei aquele lugar, onde os encontrei, conhecendo Raimond Du Mas e sua companheira. E lá escutei suas palavras e seus sermões, que eu não gostei. Para a época, há dezesseis anos ou mais³⁴ (DUVERNOY, 1993, p. 23 – Grifos nossos)

O pai de Guilabert identifica os dois forasteiros como “homens bons” (bons homens), a designação que os cátaros utilizavam para se autodefinirem, estando essa expressão no

³⁴ Un jour, aux Touzeilles, dans le maillol de mon père, sous un poirier où se trouvait une cabane de sarments, j'ai vu de loin deux hommes qui m'appelèrent, non de la voix mais de la main. Je n'y allai pas alors, mais je rentrai à la maison paternelle et le rapportai à mon père. Il me dit que c'étaient de bons hommes, qu'on appelle hérétiques, et que je ne devais pas avoir peur, et que je pouvais désormais aller à eux en toute sécurité, car ils étaient ses amis. Ayant entendu cela, je retournai à cet endroit, où je trouvai ces parfaits, savoir Raimond du Mas et son compagnon. Et là j'entendis leurs paroles et leurs sermons, mais je ne les ai pas adorés. Pour l'époque, il y a seize ans ou environ.

melhorament (a foram de saudação). Os dois indivíduos avistados seriam perfeitos, ou sacerdotes dos cátaros. Os perfeitos tinham como uma de suas obrigações percorrer toda a região (e além dela), para evangelizar, levar a palavra, converter novos adeptos. Possivelmente por isso chamavam e desejavam falar com Guilabert. Outra característica interessante identificada é que eles estavam em dupla. A norma para os perfeitos que se aventuravam nas viagens de pregação eram sempre estarem em duplas, não apenas por uma questão de segurança, mas, principalmente, para que um pudesse vigiar o outro em seu comportamento, fora da comunidade cátara. A justificativa é bíblica e está em no evangelho de São Lucas “[...] o Senhor escolheu [...] e enviou-os à sua frente, dois a dois, a todas as localidades, vilas e aldeias que tencionava visitar mais tarde (Lc 10, 1)”. O pai de Guilabert identifica os perfeitos e os considera, sem grande susto ou desconforto, como hereges, definindo-os por este nome, demonstrando que a comunidade da região tinha conhecimento de sua existência, não se sentia incomodada por isso e até mesmo simpatizavam com essas pessoas, ao ponto de Guilabert receber a indicação de que “poderia ir a eles com segurança”.

Em Touzeilles, na casa de meu pai, vi com frequência, e com tanta frequência que não me lembro quantas vezes, Raimond du Mas e sua companheira Julia, e com eles vários companheiros cujo nome não me lembro perfeitamente. E lá, eu freqüentemente adorava, me **ajoelhando aos perfeitos três vezes, diziam "Abençoe ..."** à maneira dos **hereges**. E muitas vezes vi lá o dito Pierre de Saint-Michel, Graziide minha mãe, Raimond de Saint-Michel, meu irmão atualmente fugitivo por heresia. **Todos nós e eu, muitas vezes, adoramos, em várias ocasiões e ouvimos os sermões e as pregações desses perfeitos e comemos com eles na mesma mesa e com o pão abençoado por eles.** Vi na casa de meu pai os perfeitos, mas não me lembro com quem, Pierre de Laurac, que vive em Garrigue na paróquia de Roumens, adorando esses perfeitos e ouvindo seus sermões. Quatorze anos atrás, mais ou menos. (E lembrando imediatamente, ele diz que esses perfeitos eram Guillaume Prunel e seu companheiro)³⁵ (DUVERNOY, 1993, p 23 – Grifos nossos).

Nesta passagem o depoente identifica a hierarquia cátara dos perfeitos, que dão suas bênçãos aos crentes em uma casa. Guilabert menciona o *melhorament*, rito de cumprimento

³⁵ Item, aux Touzeilles, dans la maison de mon père, j'ai vu souvent, et si souvent que je ne rappelle pas combien de fois les parfaits Raimond du Mas et son compagnon Julia, et avec eux divers compagnons parfaits dont je ne me rappelle pas les noms. Et là j'ai souvent adoré ces parfaits en fléchissant trois fois les genoux, disant "Bénissez..." à la manière des hérétiques. Et j'ai vu là souvent ledit Pierre de Saint-Michel, Graziide ma mère, Raimond de Saint-Michel mon frère actuellement fugitif pour hérésie. Tous et moi-m^eme avons souvent adoré ces parfaits et en diverses occasions, et avons entendu les sermons et les prêches de ces parfatis, et mangé avec eux à la même table et du pain béni par eux. Ce fut à la même époque. Item j'ai vu dans la maison de mon père avec des parfaits, mais je ne me rappelle avec lesquels, Pierre de Laurac qui habite la Garrigue dans la paroisse de Roumens, adorant ces parfaits et entendant leurs sermons. Il y a quatorze ans ou environ. (Et se rappelant aussitôt il dit que ces parfaits étaient Guillaume Prunel et son compagnon)

entre os perfeitos, com inclinação do corpo e a repetição, três vezes, da frase “bom homem” ou “boa mulher”, “a benção de Deus e a vossa”. Nesta passagem aparece melhor a ação da pregação, a qual os perfeitos eram obrigados realizar, bem como o impacto que tinham sobre as pessoas, que eram sensibilizadas e “adoravam” junto com eles. Novamente, fica marcado nesse trecho, a simpatia que os perfeitos despertavam. Existe a referência ao pão consagrado (como uma forma de óstia?), durante a realização do ritual. Mas entre os cátaros não se encontra o sacramento da óstia consagrada. O pão consagrado, neste caso, tem o sentido de partilha do alimento, dentro dos preceitos comunitários do catarismo. O pão, alimento utilizado por Jesus Cristo em diversas parábolas do Novo Testamento, mas também o pão como recurso base da alimentação medieval, principalmente entre os mais carentes. O ato de comer junto aos visitados (“... e comemos com eles na mesma mesa...”) também provém de uma passagem do evangelho e é ordenada pelo próprio Jesus aos seus apóstolos que estão em trabalho de evangelização. Em Lucas (10, 1-9), consta “Se ali morar um amigo da paz, a vossa paz repousará sobre ele [...] Permanecei naquela mesma casa, **comei e bebei do que tiverem** [...] Quando entrardes numa cidade e fordes bem recebidos, **comei do que vos servirem** [...]”.

Em Palleville, na casa de Jean de Bourguière e sua esposa Aladais, minha irmã, vi dois perfeitos, cujo nome não sei. E vi com eles quem disseram ser John e Aladais, que comigo os adoravam e entendíamos seus sermões. Há oito anos mais ou menos. Eu e minha irmã Aladais fomos a Frontorge para ver o filho de Pierre Gausbert, o nobre de Puylaurens, criança que Aladais disse ter alimentado, uma mulher chamada Bernarde, serva desse nobre, nos levou a vinha deste nobre. E lá nós arrancamos figos e uvas, que diziam que Bernarde **trouxe para os padres que estavam na mata** que pertenciam a Barthas, perto de saint-Michel. Quando estávamos na entrada deste bosque, Aladais e eu fomos na frente para impedir que Bernarde quisesse vê-los. Partimos, e **Bernarde foi ao padre neste bosque**. Mas eu não a vi e não sei o que ela fez com eles. Acredito que Bernarde foi condenado por heresia. Dezoito anos atrás (DUVERNOY, 1993, p 24 – Grifos nossos).³⁶

Neste trecho o depoente se refere aos perfeitos como “padres”, que habitam a “mata”, ou o “bosque”, dando a entender que estavam escondidos. Embora isolados, fora das vilas ou

³⁶ Item, à Palleville, dans la maison de Jean de Bourguière et de sa femme Aladaïs, ma soeur, j'ai vu deux parfaits dont je ne sais pas le nom. Et j'ai vu avec eux lesdits Jean et Aladaïs, qui avec moi les ont adoré et ont entendu leurs prêches. Il y a huit ans ou environ. Item, moi-même et ma soeur Aladaïs étant allés à Frontorge pour voir un enfant, fils de Pierre Gausbert le noble de Puylaurens, enfant que ladite Aladaïs avait nourri, une femme nommée Bernarde, servante de ce noble, nous amena, Adalaïs et moi, à la vigne de ce noble. Et là nous cueillîmes des figues et des raisins, que ladite Bernarde apporta aux parfaits qui étaient alors dans le taillis qui appartenait alors à Barthas, près de saint-Michel. Quand nous fûmes à l'entrée de ce taillis, Aladaïs et moi allâmes devant prévenir que cette Bernarde voulait les voir. Nous partîmes, et cette Bernarde entra vers les parfaits dans ce taillis. Mais je ne l'ai pas vu, et je ne sais pas ce qu'elle a fait avec eux. Je crois que cette Bernarde a été mise au Mur pour hérésie. Il y a dix-huit ans.

centros urbanos, existiam pessoas (simpatizantes) que iam até os perfeitos, para alimenta-los e ouvi-los. No Concílio de Tours, em 1163, ordenado pelo papa Alexandre III, regulamentou uma sólida legislação repressiva contra as heresias, buscando neutralizar e isolar os hereges da sociedade, proibindo o comércio com eles e mesmo reuniões coordenadas por pessoas que eram suspeitas de heresia (LIMA, 2015). Esta é uma das razões a qual os cátaros viviam nas florestas.

Os cátaros também tinham uma economia própria baseada na plantação de grãos e criação de ovelhas, bois e porcos para o comércio, também com produção de tecido, quando estavam próximos ou em cidades maiores. Conseguiram das florestas o uso da madeira para construção e lenha, além de lugares para se esconder e transitar de uma cidade a outra com mais segurança. Os cátaros enquanto perseguidos pelas autoridades locais e tribunais inquisitoriais (principalmente de Carcassonne e Toulouse), se escondiam nas matas e mensageiros os ajudavam – sempre pela escuridão da noite (FERNANDES; CORREIO, 2013).

No momento em que os perfeitos moravam na casa de meu pai ou nos bairros, vi o **senhor Aimery de Roquefort e madame Marquese**, sua esposa, chegando, não juntas, mas separadamente, eu não os vi com os **perfeitos**. Este Messire Aimery e esta dama Aladais chegaram lá por ocasião de **um cavalo** que haviam comprado ao cavaleiro Guilabert de Foissac nos Touzeilles, **na fortaleza de Saint-Michel**. Então ouvi meus pais dizerem que esses mesmos **Messire Aimery e Dame Marquese eram amigos e crentes dos hereges**. Por um tempo, quinze anos atrás, até a morte de minha mãe. Por ordem de minha mãe, fui várias vezes a Dreuilhe na casa de Bernarde Jourda. E aqui Bernard e seu filho Pierre Jourda me davam, às vezes, trigo verduras, nozes e outras frutas e etc, para trazer a minha mãe. E este Bernarde e seu filho Peter já haviam recebido as cruces por heresia. Treze anos atrás, mais ou menos. Ouvi minha mãe Grazide dizer que tinha pão, legumes, cebola, repolho e outros alimentos para o padre Raimond Trille, Elijah, que tem apenas um pé e dispara Guiraud Ferrier e a casa deles em Sorèze. Durante esse período, quinze anos até a morte de minha mãe, cinco anos atrás³⁷ (DUVERNOY, 1993, p 24 – Grifos nossos).

A Bula Inquisitorial *Vergentis in Senium*, 1199, como visto anteriormente, trata exatamente deste tipo de herege: os que ajudam os heréticos, aqueles que davam pouso, os que eram benevolentes com a heresia. Guilabert faz referência a serem “amigos dos hereges”. As pessoas que auxiliavam, simpatizavam ou de alguma forma se aproximavam dos hereges,

³⁷ Item, à l'époque où les parfatis habitaient dans la maison de mon père ou dans les parages, j'ai vu venir messire Aimery de Roquefort et madame Marquèse sa femme, pas ensemble, mais séparément. Mais je ne les ai pas vus avec des parfaits. Ce messire Aimery et cette dame Aladaïs venaient alors là à l'occasion d'un poste de chevalier qu'ils avaient acheté au chevalier Guilabert de Foissac aux Touzeilles dans le fief de Saint-Michel. Item j'ai alors entendu mes parents dire parfois que ce même messire Aimery et dame Marquèse étaient amis et croyants des hérétiques. Pour l'époque, il y a quinze ans et jusqu'à la mort de ma mère.

durante a Cruzada Albigense foram perseguidas e massacradas, da mesma forma que os verdadeiros integrantes da heresia. O grande medo da Igreja era que esse contágio, mesmo que superficial, entre hereges e pessoas que estavam fora da comunidade cátara, poderia deixar “sementes” nas mentes e almas. “Sementes” que poderiam crescer e reavivar o movimento, mesmo após ser suprimido por meio da força. Em caso de dúvida, “Deus saberá escolher os seus”. Neste trecho, outra informação a ser destacada é a presença da nobreza junto aos perfeitos: “o senhor Aimery de Roquefort e madame Marquese”, “na fortaleza de Saint-Michel”, “eram amigos e crentes dos hereges”, “um cavaleiro”. Guilbert declara o envolvimento de um casal de nobres que são mais do que amigos, mas crentes dos hereges. Os encontros entre os perfeitos e os “cavaleiros” e “senhores”, outras designações para definição da nobreza, ocorriam dentro da Fortaleza de Saint-Michel, espaço que define a espacialidade da nobreza em uma cidade.

3.1.2. Amblard Vassal de la Roque D'Arifat

Em 25 de setembro de 1274 foi preso por heresia. Aprisionado, testemunhou e prestou juramento. Em julgamento, disse:

Vi pela primeira vez o perfeito, conheci Raimond Gautier e seu companheiro que não conhecia. E lá, eu e minha esposa Ayceline, **pressionados e educados por esses perfeitos**, adoramos os joelhos dobrados, dizendo "Abençoe ...", os perfeitos respondendo: "Deus os abençoe". Esses perfeitos também comiam pão, frutas e água que encontraram ali. Tendo comido, eles foram embora. Era noite quando eles vieram e partiram de lá. E há dezesseis anos ou mais. Cerca de oito dias depois, o mesmo Raimond Gautier, o perfeito, voltou para minha casa **e com ele nove ou dez pessoas**, entre as quais Raimond de Montredon, Ermengaud de Roquemaure e Roque, irmãos de Berlan, e Pierre Aguilhon, de Lagriffoul. **Faidits e fugitivos para heresia, portando armas**, nomeadamente bestas e arcos, espadas e facas "serras". Eles se prepararam para comer em minha casa, mas comeram fora. Nem eu nem mais ninguém adoramos esses perfeitos. Mas, quando comeram, foram embora, **tanto os perfeitos quanto os faidits**. Também era noite, quando eles vieram e quando partiram. Eu não sei para onde eles foram (DUVERNOY, 1993, 112 – Grifos nossos).³⁸

³⁸ J'ai vu pour la première fois des parfaits, savoir Raimond Gautier et son compagnon que je ne reconnus pas. Et là, moi-même et ma femme Ayceline, poussés et instruits par ces parfaits, les adorâmes les genoux fléchis, en disant "Bénissez...", les parfaits répondant: "Dieu vous bénisse". Ces parfaits mangèrent aussi là du pain et des fruits qu'ils portaient sur eux, et de l'eau qu'ils trouvèrent là. Ayant mangé, ils partirent. Il était nuit quand ils vinrent et qu'ils partirent de là. Et il y a seize ans ou environ. Item, huit jours environ après, ce même parfait Raimond Gautier revint chez moi, et avec lui neuf ou dix personnes, parmi lesquelles il y avait Raimond de Montredon⁴, Ermengaud de Roquemaure et Roque, des frères de Berlan, et Pierre Aguilhon, de Lagriffoul, faidits et fugitifs pour hérésie, portant des armes, savoir des arbalètes et des arcs, des épées et des couteaux "serrans". Ils se préparèrent à manger dans ma maison, mais ils mangèrent dehors. Ni moi ni aucun autre n'adora alors ces

Amblard, neste trecho, não demonstra estar tão próximo e disponível aos hereges, tal como é recorrente no depoimento de Guilabert. Neste caso, o depoente refere que ele e sua esposa foram “**pressionados** e educados”, deixando transparecer que foram coagidos a escutarem os ensinamentos. A própria forma a que se refere aos cátaros, “esses perfeitos”, denota falta de empatia. Logo após depor que foi praticamente forçado a recebê-los, ainda acrescenta “Nem eu nem mais ninguém adoramos esses perfeitos”. Pode-se propor uma interpretação de que Amblard não desejava vincular-se a esses indivíduos pois eles não estavam apenas em pacífica e amistosa missão de evangelização, como aparece nos depoimentos de Guilabert. No presente caso trata-se de indivíduos que fazem parte da resistência cátara, homens armados, que se deslocam a noite, de forma furtiva, em bando, cerca de uma dezena deles. O depoente utiliza a expressão *Faidits*, expressão que durante o período da Cruzada Albigense passou a definir criminosos, bandidos, saqueadores, mas também os simpatizantes do catarismo que pegavam em armas. Especificamente, *Faidits* são denominados aqueles moradores do Languedoque que frente a acusação de serem simpatizantes do catarismo perdem todos seus bens, são expulsos de suas terras e passam a vagar pelas estradas, adotando o saque e o banditismo como forma de vida.

fiquei gravemente doente em casa com uma febre contínua e fiquei fora de si [...]. Então, quando me recuperei, minha esposa Ayceline me contou que veio o perfeito Guillaume de Bourdarié e seu companheiro, trazidos por Pierre de Roumegoux e Isarn Ferrand, meus vizinhos, para me visitarem, mas eles não me visitaram porque eu estava inconsciente. E não gostei quando soube que pessoas perfeitas haviam chegado e estado lá. Há oito anos mais ou menos o irmão Etienne de Gatines, um inquisidor, me prendeu em minha casa e fui levado prisioneiro para Lombers. Eu confessei diante dele o que ouvi de minha esposa sobre a vinda dos perfeitos e o inquisidor me libertou com quarenta libras na esperança de eu os dar aos perfeitos (DUVERNOY, 1993, p 112-113).³⁹

parfaits. Mais quand ils eurent mangé, ils partirent, tant les parfaits que les faidits. Il était nuit, de même, quand ils vinrent et quand ils partirent. Je ne sais pas où ils allèrent.

³⁹ Cela, je l'ai avoué à Frère Guillaume Bernard, OP, et à son collègue, à l'époque inquisiteurs à Castres en Albigeois, mais je n'ai pas eu de pénitence pour ces faits. (Interrogé si cet inquisiteur le réconcilia et lui fit abjurer l'hérésie) : Je ne me rappelle pas. Mais il me permit de repartir, et après il ne m'a pas convoqué. Après quoi, sept ans étant passés, ou environ, je fus gravement malade chez moi d'une fièvre continue, et je fus hors de mon bon sens, au point qu'il fallut me tenir attaché. Puis, quand je me rétablis, ma femme Ayceline me raconta qu'étaient venus les parfaits Guillaume de la Bourdarié et son compagnon, amenés par Pierre de Roumegoux et Isarn Ferrand, mes voisins, pour qu'ils me reçoivent, mais ils ne m'ont pas reçu parce que j'étais hors de sens. Et cela me déplut quand j'appris que des parfaits étaient venus et avaient été là. Il y a huit ans ou environ. Item, alors que j'étais en convalescence de cette maladie, Frère Etienne de Gâtines, inquisiteur, me fit arrêter chez moi et amener prisonnier vers Lombers. J'avouai devant lui ce que j'avais entendu dire à ma femme de la venue de ces parfaits auprès de

Amblard continua sustentando sua desvinculação com os cátaros, embora seja procurado por eles. Alega que não esteve na presença dos perfeitos, mesmo que estes estivessem dentro de sua casa, com o objetivo de visitá-lo, pelo fato de estar “fora de si” e “inconsciente”, devido a doença que lhe acometia. Embora pese a negação de Amblard, deveria existir algum contato entre seus vizinhos cátaros e ele, ao ponto de lhe fazerem uma visita de cortesia, interessados em sua saúde. Em sua declaração, disse não ter gostado da presença dos perfeitos em sua casa enquanto não estava lúcido, praticamente repassando a culpa de recebê-los para sua esposa. Uma vez preso pela Inquisição, como forma de ser libertado, foi utilizado para atrair os integrantes da heresia. O próprio inquisidor lhe dá “quarenta libras” para que sejam entregues aos vizinhos heréticos, possivelmente deveria parecer uma doação para o movimento.

Eu tinha a intenção de pegar os perfeitos e devolvê-los aos inquisidores, se eu pudesse, mas não podia, pois eles desconfiavam de mim. Alguns dias depois, Pierre de Roumegoux me informou por Bernard Boyer de Roumegoux para procurá-lo, e eu fui lá com o referido Bernard Boyer. Encontramos este Pierre de Roumegoux, Sicard de Roumégoux e Jacques, *faidits*, e com eles Bernard de la Bourdarié e um companheiro que tinha um dos dois olhos muito virados e deformados, numa taberna de La Roque-Embert, perto de Cabès ao lado de Senégaz, Bernard Boyer e eu os saudamos. E o dito Pierre de Roumegoux me censurou, porque, pelo que haviam aprendido, ele, seus companheiros e os ditos perfeitos, eu queria entregá-los. Eu neguei, dizendo que não queria e não fazia de forma alguma. Assim, o referido Pierre de Roumegoux me ofereceu, **se eu quisesse ir com ele e ir para a Lombardia, me levar e providenciar minhas despesas.** Recusei, mas como lá comi com esses *faidits*, depois fui para casa. (Ao questionar): **Eu não adorava esses perfeitos, nem ouvi suas pregações e sermões.** (Perguntado sobre quem trouxe comida): Eu não o vi, mas ouvi dizer que é Ermengaud de Roucayrols, de Cabès (DUVERNOY, 1993, p 113 – Grifos nossos).⁴⁰

moi, et ledit inquisiteur me relâcha sous la caution de quarante livres et dans l'espoir de lui remettre des parfaits. (Interrogé si cet inquisiteur lui fit abjurer l'hérésie) : Je ne me rappelle pas.

⁴⁰ J'eus alors l'intention de prendre des parfaits, et de les remettre aux inquisiteurs, si je pouvais, mais je ne pus pas, car ils se méfiaient de moi. Item, peu de jours après, Pierre de Roumégoux me fit savoir par Bernard Boyer de Roumégoux de venir auprès de lui, et j'y allai avec ledit Bernard Boyer. Nous trouvâmes ce Pierre de Roumégoux, Sicard de Roumégoux et Jacques, *faidits*, et avec eux Bernard de la Bourdarié et un compagnon qui avait l'un des deux yeux très renversé et déformé, dans un bois de la Roque-Embert près de Cabès, à côté de Sénégaz. Bernard Boyer et moi les saluâmes. Et ledit Pierre de Roumégoux me fit des reproches, parce qu'à ce qu'ils avaient appris, lui, ses compagnons, et lesdits parfaits, je voulais les livrer. Je le niai, disant que je ne le voulais et ne le ferais en aucune manière. Alors ledit Pierre de Roumégoux m'offrit, si je voulais partir avec lui et aller en Lombardie, de m'emmener et de pourvoir à mes dépenses. Je refusai, mais je mangeai là avec ces *faidits*, puis je rentrai chez moi. (Sur interrogation) : Je n'ai pas adoré là ces parfaits, ni entendu leurs prêches et leurs sermons. (Interrogé sur qui apporta à manger) : Je ne l'ai pas vu, mais j'ai entendu dire que c'est Ermengaud de Roucayrols du mas de Cabès.

Amblard virou um tipo de espião para conseguir se livrar da Inquisição. Segundo seu depoimento, verdadeiramente tentou atrair os hereges para uma emboscada, mas estes, desconfiados, não atenderam seu chamado. Ao se encontrar em uma taberna com outros perfeitos, veio a saber da desconfiança que recaía sobre ele, como traidor. Novamente, buscando comprovar sua inocência, declara ao inquisidor que lhe foi oferecido fugir da Inquisição, junto com os cátaros, para a Lombardia. Nessa fuga teria todas suas despesas pagas, mas assim mesmo recusou-se, uma vez que “não adorava esses perfeitos, nem ouvia suas pregações e sermões”. Esperando ser perdoado pela Inquisição, embora não tenha alcançado seu objetivo de entregar outros hereges, Amblard apresenta a recusa de fugir como prova de sua inocência. O depoente volta a utilizar a expressão pejorativa *faidits* (criminosos) relacionada aos perfeitos.

Foi-me permitido **ver os perfeitos e atraí-los, para que eu pudesse levá-los como presas** para o sargento da Inquisição, Guillaume Teyseire, tal como ele havia me dito. E **como não conseguí capturar e entregar, não ousei voltar ao inquisidor, mas fugi**. E então o irmão Stephen, **o inquisidor acima mencionado, extinguiu a penalidade. Se não eu estaria fugindo até agora**. Sendo um fugitivo por heresia, fui frequentemente aos irmãos Pierre e Bernard de Roset em Quercy, perto de Montalzat, e frequentemente vi esses irmãos Pierre, Bernard e Guillaume (Guillaume não morava com eles) e sua mãe, de quem eu não sei o nome. Esses irmãos Pierre e Bernard, e sua mãe, me receberam muitas vezes e me deram muitas vezes, a mim e a **meus companheiros *faidits*** e fugitivos por heresia, para comer, sabendo que meus companheiros e eu éramos tais. (Perguntado sobre os companheiros que estavam lá com ele): Pierre Bes, Sicard de Roumegoux, Jean Barrau e Jean de Roumegoux, todos *faidits* e fugitivos (DUVERNOY, 1993, p 113 – Grifos nossos).⁴¹

Fracassando na tentativa de entregar os perfeitos ao sargento da Inquisição e prevendo seu futuro, Amblard opta por não retornar ao tribunal. Ao que dá entender, esteve algum tempo (indefinido) como fugitivo, até que sua pena foi perdoada pelo inquisidor e voltou para depor novamente. Seu discurso muda de tom ao descrever seu período como fugitivo, considerando

⁴¹ J'avais alors la permission de voir des parfaits et de les attirer, pour pouvoir les prendre, à ce que m'avaient dit Pestilhac et Guillaume Teyseire, des sergents de l'Inquisition. Et comme je ne pus pas en arrêter et en livrer, je n'osai pas retourner auprès de l'inquisiteur, mais je m'enfuis. Et alors Frère Etienne, l'inquisiteur susdit, exigea et extorqua de les cautions cette pénalité. Et je fus alors en fuite jusqu'à, maintenant. Item étant fugitif pour hérésie, je vins souvent chez les frères Pierre et Bernard de Roset en Quercy près de Montalzat, et j'y vis souvent ces frères Pierre, Bernard et Guillaume (ce Guillaume n'habitait pas avec eux) et leur mère dont je ne sais pas le nom. Ces frères Pierre et Bernard, et leur mère, me reçurent mainte fois, et me donnèrent mainte fois, à moi, et à mes compagnons *faidits* et fugitifs pour hérésie, à manger, sachant que mes compagnons et moi-même étions tels. (Interrogé sur les compagnons qui s'y trouvèrent avec lui) : Pierre Bès, Sicard de Roumegoux, Jean Barrau et Jean de Roumegoux, tous *faidits* et fugitifs.

os *faidts* como “meus companheiros”, pelo menos enquanto estava na condição de perseguido pela Inquisição. Ao final, como forma de se redimir de seus atos, entrega os nomes de seus “companheiros” a Inquisição. Este era um dos recursos utilizados pela Inquisição durante seus interrogatórios, a criação de uma rede de acusações, criada pelos próprios inqueridos. Pressionava-se o depoente para que ele entregasse outras pessoas, muitas vezes com a promessa de conseguir a própria liberdade. Normalmente, os interrogatórios demorados, a fome, o isolamento, as torturas, facilmente faziam com que inocentes fossem apontados como cúmplices de crimes que nunca foram cometidos.

Nos trechos utilizados nem Guilabert, nem Amblard se declaram como cátaros, ou *faidits*, embora exista uma clara diferença de “simpatia” em relação aos hereges. Embora depondo em um tribunal inquisitorial Guilabert não esconde as relações que sua família manteve com o grupo herético, identificando mesmo a ação de evangelização que esses desempenhavam na região em que vivia. O que possivelmente absolve Guilabert é o fato de ele mesmo, em nenhum momento, demonstrar qualquer envolvimento com o movimento, apenas depondo o que o país comentava sobre os perfeitos. Da mesma forma, Amblard ira repassar a responsabilidade da presença de perfeitos em sua casa, para sua mulher. Ela teria lhe contado o que os perfeitos teriam dito e feito naquele dia. Obviamente, considerar-se participante da heresia cátara, frente ao Tribunal da Inquisição, poderia significar a própria declaração de morte. Em ambos os casos se identifica a aceitação do “erro” do contato com pessoas condenadas pela Igreja, ao mesmo tempo que outros nomes são arrolados, são indicados como possíveis participantes da heresia. Entre os depoimentos é possível apontar temas importantes referentes ao catarismo: como a participação da nobreza (seus simpatizantes); a resistência armada contra os cruzados e a Inquisição (*os faidts*); o trabalho de evangelização cátara; o ritual do *melhorament*; a relação que as comunidades cátaras tinham com as demais comunidades; a fuga para os bosques; a hierarquia dos crentes, perfeitos e “amigos” (simpatizantes) e as viagens em duplas, tal como definido nos evangelhos.

CONSIDERAÇÕES

Os cátaros, com indícios de existência desde o século X, mencionados no concílio de Reims, em 1144, e especificamente registrados e combatidos nos Sermões contra os Cátaros, do monge Eckbert, em 1166, configuraram um movimento de contestação religiosa e social da hegemonia da Igreja Católica. Com sua origem, possivelmente, situada no sul da França o catarismo ganhou adeptos em grande parte do continente Europeu, tornando-se uma ameaça a unidade e poder ideológico de Roma. A busca pela pureza e perfeição espiritual acabou condenando-os como heréticos, indivíduos que propunham uma quebra dos paradigmas da cristandade. Em pleno século XII, romper com modelo institucionalizado cristão-católico e, principalmente, com suas hierarquias de poder e controle, pode ser considerado como uma utopia.

O conceito de Utopia neste trabalho seguiu a orientação de Hilário Franco Jr (1992), onde se define como uma idealização, algo muito perto do perfeito. O herege, considerado como um ser danoso, por buscar uma vivência diferente da imposta pela sociedade tradicional, não é, para ele mesmo, um ser utópico ou fantasioso, não participa de ideias delirantes de uma comunidade sem futuro. Defendemos o pensamento que para os cátaros seus preceitos, normas e crenças religiosas eram concretas, reais e alcançáveis, mesmo dentro de uma difícil jornada de privação que beirava o extremismo. O projetar o futuro idealizado, que a princípio parece inalcançável, faz parte da utopia. A utopia está dada para ser perseguida e eventualmente alcançada. A almejada Pureza espiritual era alcançada por Perfeitos e Perfeitas, o que torna real, nesta comunidade, a concretização de parte de sua utopia. Frente aos olhos de uma Igreja fragilizada moralmente, devido seu comportamento arrogante, avaro e dissoluto, a proposta de uma vida despojada e próxima dos ensinamentos evangélicos, pareceu tão ameaçadora que foi necessária uma reação armada e brutal, apoiada pela coroa francesa, para suprimir definitivamente a propagação da heresia

Ser herético no medievo era ser contestador, era utilizar questões religiosas para reagir contra situações de opressão e hipocrisia, emanadas dos poderes religiosos e laicos. Contestações que podiam custar a liberdade ou até mesmo a vida de indivíduos ou comunidades inteiras. A grande utopia cátara está em acreditar, vivamente, não apenas na possibilidade de alcançar a pureza espiritual ainda em vida, tornando-se um ser perfeito, mas também em almejar e pregar o fim da mais importante e poderosa instituição de seu tempo, a Igreja Católica.

A supressão do movimento herético cátaro não esteve relacionada apenas com questões de disputas entre Igrejas (Católica x Cátara), mas também questões políticas e econômicas. A monarquia francesa aproveitou para anexar, em definitivo, um território que existia a margem de seu poder, sob o controle de uma nobreza occitana que pouco caso fazia de se submeter ao comando de Paris. A Occitânia, com o Languedoc, continha burgos com dinâmica economia e produção têxtil. Ao apoiar o papado em sua missão armada contra os “inimigos da cristandade”, o rei da França favoreceu-se diretamente com a expansão de suas posses feudais e a distribuição de novas terras para seus vassalos do norte do reino. A Cruzada Albigense está marcada não apenas por ser uma Guerra Santa em país cristão, contra cristãos, mas também por ter o envolvimento direto, como defensores dos hereges, da nobreza e mesmo da monarquia (rei Pedro de Aragão, O Católico). O fato dos nobres occitanos e o rei de Aragão terem lutado muito mais por suas posses territoriais do que propriamente pela heresia, pode ser levado em consideração, mas não pode ser negado que este é um raro caso no qual um pensamento herético propaga-se profundamente não apenas entre as populações carentes, mas também entre as populações mais favorecidas.

Como resultado temos o massacre da população occitana, desapropriações, a criação de uma nova “classe social”, os *faits*, multidões de pessoas que perderam suas terras, seus meios de produção e sustento, sendo condenadas como hereges e lançadas nas estradas e bosques, encontrando no banditismo uma forma de vida. Entretanto, o mais significativo de todos os resultados é a criação de uma nova instituição clerical, a Inquisição. A Inquisição seria utilizada a partir de então como instrumento de vigilância, identificação, perseguição, processo, castigo e extermínio de toda e qualquer ameaça herética que pudesse surgir. A Igreja Católica aprendeu através da luta contra os cátaros a não permitir o surgimento, expansão e fortalecimento de pensamentos contestatórios. Obviamente, isso não significou o fim das discordâncias, mas estava institucionalizado um órgão repressor, que tinha missão de lutar contra um ser herético muito melhor definido, conhecido e totalmente demonizado, graças a toda literatura canônica, jurídica e litúrgica que foi produzida após os cátaros.

REFERÊNCIAS

- BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard. **A Inquisição**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.
- BARROS, José D'Assunção. **Heresias na Idade Média**: considerações sobre as fontes e discussão historiográfica. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, ano II, n. 6, fev, 2010.
- BRÁULIO, Thynná Atheniense. **Catarismo**: fê e guerra no Pays d'Oc. Monografia (Graduação), Universidade Federal de Juiz de Fora, Departamento de História, 2013.
- CABRER, Martín Alvira. *La Cruzada contra los Albigenses: historia, historiografía y memoria*. Universidad Complutense de Madrid: Clio e Crimen. n.06, p.110-141, 2009.
- COSTA, Ives Leocelso Silva, **A Cruzada Albigense**: Guerra, Poder e Historiografia. Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Intercâmbios Historiográficos (Argentina – Brasil – México), 2016.
- DUARTE, Leandro Rust. *Bulas Inquisitoriais: Ad Abolendam (1184) e Vergentis in Senium (1199)*. Universidade Federal do Mato Grosso. Revista de História, São Paulo, n. 166, 2012.
- DUVERNOY, Jean. **Registre de L'inquisition de Toulouse (1273-1280)**. Traducion, notes et index. Ed. Jean Duvernoy, 1993, 239p. Disponível em: <http://jean.duvernoy.free.ft/text/pdf/parnactrad>. Acesso em março 2019.
- EYMERICH, Nicolau. **Manual dos inquisidores**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília, DF: Fundação Universidade de Brasília, 1993.
- FAITANIN, Paulo. **Inquisição: verdade e mito!** UFF, 2006.
- FALBEL, Nachman. **Heresias medievais**. 1º Edição, São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- FERNANDES, Geni Chavez; CORREIO, Claudia Bucceroni Guerra. **Entre Cátaros e Inquisidores**: documentação e redes de conformação e informação. ENANCIB, Santa Catarina, 2013.
- FRANCO JR, Hilário. **A Idade Média**: Nascimento do Ocidente. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FRANCO JR, Hilário. **As Utopias Medievais**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
- FRANCO JR, Hilário. **Catarismo, uma Manifestação Utópica Medieval**. Topói, Rio de Janeiro, v. 19 n.38, mai/ago, 2018.
- FRANCO JR, Hilário. **O Ano Mil**: Tempo de medo ou de esperança? São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- FRANCO JR, Hilário. **Utopia, Terra de Hereges?** MORUS - Utopia e Renascimento, n. 6, 2009.

GODES, Jesús Mestre. *Los Cátaros: problema religioso, pretexto político*. Barcelona: Península, 1995.

GONZAGA, João Bernardino. **Inquisição em seu mundo**. São Paulo: Saraiva, 3º ed., 1993.

LIMA, Philipe Rosa de. *Negotium fidei et pacis no Languedoc: A Igreja e as relações de poder na Cruzada Albigense (1209-1229)*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2015.

MACEDO, José Rivair. **Heresia, Cruzada e Inquisição na França Medieval**. Porto Alegre: Edipurs, 2000.

MOURA, Crispiano Bruno Silva. **A Influência da Cultura Cátara na Política Medieval: Sul da França, séculos XII e XIII**. Monografia (Graduação). Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas Departamento de História, Brasília: 2016.

NOVINSKY, Anita. “Sobre O Conceito de Heresia”. In: **A Inquisição**. Ed. Brasiliense, 1983, 96p.

OLIVEIRA, André Marinho. **Inventando o Inimigo: o discurso sobre os cátaros na “Historia Albigensis” de Pedro de Vaux-De-Cernay como estratégia de uma condição clerical (1198-1218)**. Alétheia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo, vol. 1/1, 2013.

PERCIVALDI, Elena. Na Igreja; Contra a Igreja: A Heresia; Os excluídos. In: **A Vida Sereta da Idade Média: fatos e curiosidades do milênio mais obscuro da história**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SANGÜESA, Joaquín Guillén. **Guillermo de Tudela y “La Cancion de La Cruzada Contra Los Albigenses”**. Revista del Centro de Estudios Merindad de Tudela, nº 14, 2006.

SILVA, Patrícia Antunes Serieiro. **“O Veneno do Erro”**. A penitência dos cátaros, segundo o inquisidor Raniero Sacconi. Revista Mundo Antigo – Ano I, V. 01, n. 02 Dezembro/2012. Nehmaat UFF-ESR.

ZERNER, Monique. Heresia. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (org.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. São Paulo: Editora Unesp, 2017. Volume 1.